1ª Via

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.1/88

PROC.- 194
LIV.- 01
FAG.- 01
REG.- 010

PEÇA

O Sonho Americano

EDWARD ALBEE

9928 BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.2

D. F. S. P.
PROT. GERAL N.º 9928
DATA 19 / 3 / 71

Ilmo.Sr.Dr.Diretor do Serviço de Censura Federal de Brasilia

RUBENS JOSÉ, vem pela presente pedir a V.Sa. que se digne mandar censurar a peça " O SONHO AMERICANO" de autoria de :- E.Albee e na tradução de E.Kander que será apresentada a partir do próximo dia 2 de abril no Teatro Sedes, com cobrança de ingressos.

Nestes Termos,
P.Deferimento.

São Paulo, 04 de março de 1971

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.3

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 16031

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: ..... O Sonho Americano .....

Original de ..... Edward Albee .....

Música de .....

Tradução de ..... Elizabeth Kander .....

No Teatro ..... Ses Des ..... Cidade ..... S. Paulo .....

Emprêsa ..... Rubens José ..... Pela Cia. .....

nos dias ..... Para Censura da Peça .....

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % .....

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ .....
por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo 4 de Março de 19 71

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ 4 MAR 1971 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
(pela SBAT)
EMANUELE PULVIRENTI COORDENADOR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0107,P4

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107 p.5

"DIÁRIO" - Distribuidora Aéro-RIO Ltda.

MATRIZ - Rua da Quitanda, 199 - Rio de Janeiro - Gb.

Tels. 243-8468, 223-0877, 223-6003 e 232-6026

Inscrição F.R R.I. 356.678.00 C. G. C. 33 864 497

CONHECIMENTO

Nº 9

De: SÃO PAULO- SP. Para: BRASILIA D.F. Data 13/ 02/

Remet. [illegible]

End. [illegible]

Cidade SÃO PAULO Tel.

Local de Cobrança

Dest. [illegible]

End. [illegible]

Cidade BRASILIA Tel.

Nota Fiscal N.º

Quantidade	Espécie	Peso	Natureza da Mercadoria Diz - Conter	Valor Segurado Cr$
01	PCT.	1.000	EXPRESSOS	S.V.D.

CÁLCULO

Frete	Cr$	0,00
Taxa Domicilio	»	2,00
Taxa de Seguro	«	
	«	
TOTAL	Cr$	2,00

PETRI
Funcionário Emissor

Remetente

BSB/DF 10-3071

OBS.

O REMETENTE DECLARA ESTAR DE PLENO ACÔRDO COM TODAS AS CONDIÇÕES CONSTANTES NO VERSO DÊSTE CONHECIMENTO

NÃO SE TRATA DE CORRESPONDÊNCIA

4.ª Via Destinatário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p-6

"DIÁRIO" - Dlstribuidora Aéro-RIO Ltda.

MATRIZ - Rua da Quitanda, 199 - Rio de Janeiro - Gb.
Tels. 243-8468, 223-0877, 223-6003 e 232-6026
Inscrição F.R R.I. 356.678.00 C. G. C. 33 864 497

CONHECIMENTO

№ 9

De: SÃO PAULO- SP. Para: BRASILIA D.F. Data 18 / 03 /

Remet. SESI- LEXXXANTONIO -
End. Av. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO,270 - 2º andar-
Cidade SÃO PAULO- SP. Tel.
Local de Cobrança

Dest. ILMO- SR. DIRETOR DO SERVIÇO CENSURA
End. Ed. B.E.N.D.S. - 4º andar-
Cidade BRASILIA D.F. Tel.
Nota Fiscal N.º

Quantidade	Espécie	Pêso	Natureza da Mercadoria Diz - Conter	Valor Segurado
01	PCT.	1000	IMPRESSOS	Cr$ S.V.D.

CÁLCULO

Frete	Cr$	6,00
Taxa Domicilio	»	2,00
Taxa de Seguro	«	
	«	8,00
TOTAL	Cr$	

PETRI
Funcionário Emissor

Remetente

BSB, DF, 19/03/71

OBS.

O REMETENTE DECLARA ESTAR DE PLENO ACÔRDO COM TODAS AS CONDIÇÕES CONSTANTES NO VERSO DÊSTE CONHECIMENTO

NÃO SE TRATA DE CORRESPONDÊNCIA

4.ª Via Destinatário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p.7

O SONHO AMERICANO

EDWARD ALBEE

TRADUÇÃO: ELIZABETH KANDER

PERSONAGENS:

MAMÃE

PAPAI

VOVÓ

MRS. BARKER

O SONHO AMERICANO

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
4 MAR 1971
SUCURSAL SÃO PAULO
EMANUELE POLVIMENTI COORDENADOR

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 16031

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p.8

Personagens:

Mamãe: ao redor dos 50 anos corpulenta, grande, em todo caso maior do que

Papai: ao redor dos 60, um pouco gordo, pequeno.

Vovó: muito velha, frágil.

Mrs. Barker: pujante de vitalidade, um pouco mais moça que mamãe.

Jovem: no decorrer dos acontecimentos em cena êle se descreve a si mesmo. Usa blue-jeans de manga curta.

Cenário:- Uma sala de estar. Duas poltronas, uma em cada lado do palco, voltadas para a platéia, colocadas em diagonal, possibilitando as pessoas se defrontarem quando nelas sentadas. Um sofá na parede traseira. Do lado externo direito uma porta de saída. Na parede do lado na extrema esquerda um arco conduzindo a outros comôdos. Ao levantar do pano, mamãe e papai estão sentados nas poltronas. Papai na poltrona esquerda, mamãe na direita. Silêncio. Depois:

Mamãe: Qual será o motivo da demora dêles?

Papai: Como de costume, êles estão atrasados.

Mamãe: Claro que estão atrasados. Não é de admirar.

Papai: As coisas estão assim hoje em dia. Não há solução para o caso

Mamãe: Infelizmente...

Papai: Na ocasião em que fomos combinar as condições de aluguel dêste apartamento, êles demonstraram uma pressa louca para me fazer assinar o contrato; estavam doidinhos para pôr a mão no meu cheque, exigindo pagamento adiantado do aluguel dos dois primeiros mêses.

Mamãe: E mais um mês de depósito...

Papai: É, mais um mês de depósito ...Tinham uma pressa dos diabos/ para tomar informações a meu respeito. Sim, que pressa // tinham êles antes. Mas agora? Em se tratando do consêrto/ da geladeira ou da campainha da porta, uma vaga referência ao vazamento da latrina, diante de qualquer tentativa no sentido de convencê-los a dar um jeito nestas complicações, ah...ei-los calmos, já não têm mais aquela atitude/ urgente...

Mamãe: É claro que não! Seria até de se admirar caso fosse diferente. Hoje em dia todo mundo imagina poder permitir-se / tudo. E, infelizmente se permitem tudo. Ontem fui comprar um chapéu novo. (pausa) Eu disse que fui comprar um chapéu novo, ontem.

Papai: Oh-está bem

Mamãe: Preste atenção quando eu falo!

Papai: Mas eu presto atenção, mamãe!

Mamãe: Acho bom.

Papai: Pode ficar sossegada. Eu presto atenção.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, 2, p. 9

Mamãe: Muito bem,papai.Então escute.

Papai: Estou escutando.

Mamãe: Realmente?

Papai: Sim.Estou escutando.Sou todo ouvidos.

Mamãe: (Dá uma risadinha,pensando no que ela vai contar.Depois:) Pois bem.Ontem fui comprar um chapéu novo e disse:"Por favor,eu gostaria de comprar um chapéu novo".E,êles me mostraram alguns chapéus, chapéus verdes e azuis,mas eu não gostei de nenhum.Nem um pouco . - Que foi que eu disse?Que acabo de falar?

Papai: Você não gostou de nenhum.Nem um pouco.

Mamãe: Isso mesmo.Foi exatamente assim.Continue prestando atenção:e,depois êles me mostraram um do qual gostei.Era um chapèuzinho encantador , eu disse:"Oh,êste é um chapèuzinho muito bonitinho.Vou ficar com êle.Oh,Deus meu,é um amoreco de chapèuzinho.Qual é a sua côr?E êles me disseram:"Ora,é beje!Não é mesmo um amoreco de chapèuzinho beje? "Então eu disse:"Oh!é um encanto" E assim eu comprei.(Pára,fixando papai)

Papai: (para mostrar sua atenção.)E assim você o comprou.

Mamãe: E assim eu o comprei e sai da loja,já com o chapèuzinho na cabeça. E quem,imagine você,qual foi precisamente a primeira pessoa com que med deparei durante o trajeto?Imagine só!Foi justamente a presidente do nosso clube de senhoras.E ela me disse:"Oh,querida,que chapèuzinho encantador! Onde descobriu êsse encantador chapèuzinho? É a coisa mais bonitinha que já vi na minha vida.Eu mesma sempre desejei um chapéu côr de areia"Então eu disse:"Mas não,querida.Êste chapéu é beje.BEJE." e ela riu e falou:"Oh,não,querida!A côr dêste chapéu é areia.AREIA.Você não vai me dizer que eu não sei distinguir entre beje e areia!"Daí eu disse:"Ora,ora,querida,absolutamente,mas eu também sei distinguir o beje do areia"!-Que foi que eu disse?Sôbre o que eu estava falando?

Papai: Ora,querida, mas eu também sei distinguir o beje do areia.

Mamãe: Isso mesmo.E então ela riu e continuou:"Incrível,minha querida,francamente,êles fizeram gato e sapato de você!É óbvio que a côr dêste chapéu é areia.Qualquer um percebe isso.Mas,assim mesmo não deixa de ser um encanto"Depois ela se despediu,deixando-me alí parada.É uma mulher horrível,você não a conhece.Tem um gôsto horrível,dois filhos horríveis,uma casa horrível e um marido absolutamente adorável que passa a vida sentado numa cadeira de rodas.Você não o conhece.Você não conhece ninguém,não é mesmo?-O que eu estava dizendo?Ah! Ela é a mulher mais horrível que você possa imaginar,mas sendo,como é,a presidente do nosso clube de senhoras,naturalmente é minha amiga e gosto incrivelmente dela.E assim, voltei diretamente para a loja de chapéus e fui logo dizendo:"Que quer dizer isso!Que absurdo é êste!Vocês me vendem um chapéu,afirmando categòricamente ser beje a sua côr,e,no entanto,a côr dêsse chapéu é areia prá chú-chú.De mais-a-mais,sempre soube distinguir o beje do areia.Em tôdas as cir

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.10

cunstâncias.Mas com a luz artificial desta casa isto não é possível."Sabe,papai,êles usam luz artificial.

Papai: Não me diga.

Mamãe: E eu continuei:"Bastou eu sair daqui dêste ambiente de luz artificial e me ver à clara luz do dia,para reparar que a côr dêste chapéu não era beje coisa nenhuma,mas areia, o mais puro areia que / já vi em tôda minha vida".E êles retrucaram:"Como foi possível reparar em tal coisa,se o chapéu estava em sua cabeça?"Nêste ponto eu perdi a calma e estourei.Foi assim que resolvi armar um bruta de um escândalo,ali mesmo.Desandei a berrar, e berrava o mais alto que podia.Arranquei o chapéu da cabeça e o arremessei por cima do balcão.Oh foi uma cena horrível.Eu disse que fiz um bruta de um / escândalo!

Papai: (Rápidamente) Sim...sim...Bravo!

Mamãe: Sim,fiz a cena mais escandalosa que você possa imaginar Êles se assustaram e me disseram:"Oh, madame!"Mas eu continuei até fazê-los admitir a possibilidade de ter ocorrido um êrro!Então êles levaram o chapéu para dentro,e dalí a pouco voltaram com um chapéu / que me pareceu ser exatamente o meu. Dei uma olhada e disse:"Êste chapéu é areia.AREIA".Bem,com muita naturalidade êles me disseram: "Não,madame,a côr dêsse chapéu é beje!A senhora quer ter a bondade de examiná-lo à luz do dia!"Eu não podia deixar de sair para a rua e examiná-lo.Q ue posso dizer-lhe?Não é que a côr do chapéu era / mesmo beje? Assim o comprei.

Papai: (Pigarreando)Poderia imaginar que se tratava do mesmo chapéu vendido a você da primeira vez.

Mamãe: (Dá uma risadinha) Mas,CLARO que era!

Papai: É.Hoje em dia as coisas são assim mesmo.Por mais que a gente tente, nunca se consegue ficar satisfeito.

Mamãe: Mas,papai, eu fiquei satisfeita!

Papai: Folgo em saber disto,mamãe.Você, então, ficou satisfeita!

Mamãe: Qual será o motivo da demora dêles? Qual será o impedimento?

Papai: Faz duas semanas que eu estou tentando encontrar um cara que venha consertar aquêle vazamento da latrina.Não encontrei ninguém.

Mamãe: Aí está.Você nunca fica satisfeito,enquanto que eu sou capaz de ficar satisfeita.Eu consigo.Você não!

Papai: Mas,já faz duas semanas que procuro sem encontrar.Duas semanas Não é tanto por minha causa.Afinal,eu sempre posso ir satisfazer as / minhas necessidades lá no clube!

Mamãe: Nem tanto Não é comigo que você se preocupa quando insiste em consertar o vazamento da latrina.Eu faço perfeitamente as minhas necessidade s, fazendo as minhas compras!

Papai: É. Pensando bem,é por causa da vovó!

Mamãe: Claro que é por causa da vovó A vovó vive gemendo.Geme cada vez / que precisa ir à privada.Mas agora,depois que se deu o vazamento,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.11

ela geme ainda mais.Dá até a impressão que deixou de funcionar.

Papai: A vovó não pode deixar de funcionar,pois já faz muito tempo que não funciona. Caducou!!

Mamãe: É claro que não funciona,porém o motivo não é o vazamento da latrina!

Papai: Tem razão.É mesmo.Tenho que por aquela joça funcionando.

Mamae: Qual será o motivo da demora dêles?Qual será?

Papai: Na primeira vez êles chegaram dez minutos adiantados.Naquele tempo êles tinham bastante pressa.(Entra a vovó,vindo pelo arco à / esquerda do palco.Carrega uma porção de caixas,grandes e pequenas, embrulhadas e amarradas de um modo muito bonito)

Mamãe: Puxa,vovó!Que é isso? Que você está carregando aí?

Vovó: Caixas,caixas Que lhes parece?

Mamãe: Papai olhe só!Veja só quantas caixas a vovó está carregando.

Papai: Cruzes,vovó!Quantas caixas!

Vovó: Onde devo colocá-las?

Mamãe: Meu Deus,não sei.Para que servem?

Vovó: Vá pro Diabo que a carregue,não é da sua conta!

Mamãe: Bem,nêsse caso pode deixá-las aí,ao lado do papai!

Vovó: (Livrando-se das caixas,jogando-as no chão,em cima dos pés do papai,e por tôda parte).Espero que você não demore muito para mandar arrumar o vazamento da latrina.

Papai: Eu também estou aflito.Não vejo a hora de vê-los fazendo êste consêrto.A tôda hora você não faz senão gemer e lamentar-se

Mamãe: Papai,que falta de respeito Falar dêsse jeito à vovó.

Vovó: É.Que pouca vergonha.Ousar falar-me desta maneira

Papai: Desculpe-me,vovó!

Mamãe: Papai pediu desculpas,vovó!

Vovó: Está bem.Está perdoado.Agora preciso de ir tratando de buscar o / restante das caixas.Afinal de contas,creio que mereço que as pessoas falem comigo dessa maneira.Já estou ficando velha,tão velhinha.Quase todo mundo imagina que,quando uma pessoa vai ficando velha,assim tão velhinha quanto eu,isto significa que esta pessoa / morreu,seja por causa do frio,seja pelo efeito do calor.Porém,não é isto que acontece.O que acontece exatamente,é que, quando uma pessoa vai envelhecendo,as outras lhes dizem tais coisas.Isto é tudo.

Papai: (Arrependido) Já disse:Desculpe vovó!

Mamãe: É. Papai pediu-lhe desculpas,vovó!

Vovó: Esta bem.Está perdoado.É apenas isso que interessa.Os outros pedem desculpas e a gente se sente melhor.A gente se sente respeitada.Isso é importante,importantíssimo sentir-se respeitada.Para mim,isto não me diz respeito,isto não tem a mínima importância.Aquilo que / você deve possuir, é ~~respeito~~ senso de dignidade,mas para vocês / isto tanto faz,quanto fêz.Em caso contrário,isto significaria a queda do ocidente.

Mamãe: Você andou lendo novamente a minha Seleções.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.12.5.

Papai: Como você ousa ler as Seleções da mamãe, vovó !

VOVÓ: Porque estou ficando velha, e gente velha tem de fazer alguma coisa.Gente velha não pode mais conversar com os outros sem que êles/ venham logo com respostas ríspidas.Basta a gente envelhecer,para// que os outros se achem no direito de nos falar rìspidamente.É uma coisa contra a qual os velhos nada podem fazer.É por estas e outras que,quando a gente percebe que está ficando velha, trata logo de ir ficando ao mesmo tempo surda, é para não ter de ouvir o próximo de uma maneira tão rude.É ainda por motivos idênticos que os velhos procuram sumir por baixo dos cobertores em uma enorme cama confortável e macia.Sim.Para não sentirem a casa tôda tremendo até os alicerces diante dos berros que o próximo lhes dirige.Aí está / ainda o motivo pelo qual os velhos acabam finalmente na eventualidade da morte.É isto mesmo.O próximo tem mania de falar aos velhos desta maneira.Bem,agora eu vou buscar o restante das caixas.(sai)

PAPAI: Pobre vovó.Não era a minha intenção magoá-la.

MAMÃE: Não se preocupe,papai.A vovó não sabe bem o que está pensando.

PAPAI: Entretanto,eu acho que ela sabe o que diz.

MAMÃE: Não se aflija.Ela esquecerá isso logo.Eu amo a vovó.

PAPAI: Eu amo a vovó também.Olhe só,com que delicado cuidado ela embrulha estas caixas.

MAMÃE: A vovó tôda a vida embrulhou caixas de maneira linda.Quando eu era menina,era muito pobre e a vovó,da mesma forma que eu, era muito / pobre também,pois o pobre do vovô já tinha ido para o céu.Naquêle tempo,todos os dias,na hora de ir para a escola,vovó costumava pegar uma caixa e embrulhá-la lindamente para mim.E, quando chegava na hora do recreio, todos os meus coleguinhas,tiravam de dentro de // suas lancheiras os embrulhos de lanche.Nunca aparecia nenhum embrulhado de maneira tão linda como as caixas que vovó embrulhava para mim.Todos êles desfaziam os embrulhos a fim de poderem comer os / conteúdos, uma coxa de galinha e um bolo de chocolate.Nêstes momentos eu costumava dizer-lhes:"Vejam só,como é linda esta minha caixinha de lanches.Não está ela embrulhada que é um amor? O simples fato de pensar que teria de abrí-la já era de quebrar o coração . E assim,eu jamais abri uma daquelas caixas que vovó embrulhava para mim.

PAPAI: Também estavam vazias.

MAMÃE: Oh,não! Elas estavam sempre cheias pois ela nunca comia a refeição cozida na véspera; ela a punha tôda na minha caixinha de lanche,para o dia seguinte.Quando eu voltava da escola, devolvia a caixa; e então abria-a,ela comia a coxa de galinha e bolo de chocolate que estavam lá dentro.Ela costumava dizer-me:"Eu sou doidinha por bôlo amanhecido.Para comê-lo espero sempre que complete um dia de idade".Vem daí a expressão:BOLO DE UM DIA DE IDADE; a vovó tinha o hábito de comer tudo amanhecido,e por isso eu me acostuma-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.13

ra a comer da merenda de todos os meus coleguinhas,pois todos êles sempre imaginaram que a minha caixinha de lanches estivesse vazia. Como êles pensavam isto de minha caixinha de lanches,eu não a a - bria.O que êles imagimavam era estar eu cometendo o pecado do or - gulho,e a idéia de serem mais virtuosos do que eu,os fazia bastante generosos para comigo.

PAPAI: Você era uma pequena bastante hipócrita!

MAMÃE: É que éramos tão pobres! Mas,depois casei-me com você,papai, e agora somos muito ricos.

PAPAI: A vovó não é rica.

MAMÃE: Não. Mas você tem sido tão generosox para com ela que a fêz sentir-se rica. Ela ignora o seu desejo de fazê-la ir para um asilo de / velhas.

PAPAI: Nunca pretendi fazer tal coisa!!

MAMÃE: Mas,por Deus-Eu gostaria Já não aguento mais vê-la cozinhando,ar - rumando a casa, lustrando a prataria e mudando os móveis de lugar...

PAPAI: Mas. se ela gosta de fazer estas coisas! Ela afirma ser isto o mínimo que pode fazer a fim de ganhar a vida.

MAMÃE: Pensando bem,ela tem razão.Não se pode viver às custas dos outros. Eu posso viver a sua custa,porque me casei com você.Que sorte a sua, papai,eu ter trazido sòmente a vovó quando casamos.Conheço uma porçã o de mulheres que teriam trazido a família inteira, para sugá - lo como vampiros. Eu trouxe sòmente a vovó. Ela é a minha família tôda.

PAPAI: Sou um homen de sorte.Realmente!

MAMÃE: Se é! Tenho todo o direito de viver as suas custas pois me casei/ com você, e porque sempre o aliviei durante a noite, permitindo que você descarregasse por cima de mim seus malditos e mal-cheirosos / humores.Adquirí assim o direito de ficar com todo o seu direito depois de sua morte.Quando você estiver morto,nós podemos ter uma vida independente,sem precisar da ajuda deqquem quer que seja,eu e a vovó, no caso de ela aindaestar aqui, de vòcê não a ter jogado num asilo de velhos.

PAPAI: Mas não pretendo colocá-la num asilo de velhos.Já disse.

MA MÃE: Bem-mas gostaria muito que alguém fizesse alguma coisa com ela!

PAPAI: Bem-de qualquer maneira, você está bem provida.

MAMÃE: Você é um amor,papai-e estou muito feliz.

PAPAI: E eu adoro minha mãezinha.(Entra a vovó carregando mais caixas).

VOVÓ: (Jogando as caixas aos pés do papai e ao redor)Pronto.E isto é o// restante das caixas.

PAPAI: Elas estão embrulhadas de um modo tão bonitinho.

VOVÓ: Deixe de fazer farol e de bancar o engraçadinho comigo...

MAMÃE: Vovó!!!

VOVÓ: Não precisa agradar-me,dizendo que as caixas estão bem embrulhadas, depois de haver dito que eu vivo gemendo e chorando! Agora é tarde...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, P. 14

MAMÃE: Vovó!!!

VOVÓ: Vá tomar banho! Você não tem nenhum sentimento, e isto é que te mata. Quando a gente fica velha, costuma fazer tôda a espécie de barulho, sem no entanto ter nenhuma culpa, pois não há como evitá-lo. Gente velha é assim mesmo, geme, chora, arrota, faz um barulho dos diabos na mesa; os velhos costumam despertar no meio da noite, gritam e acabam por perceber que nem siquer estavam dormindo. Finalmente, quando pegam no sono e tentam acordar, já não o conseguem; pelo menos não o conseguem por muito tempo.

MAMÃE: Chega! Sempre a mesma ladainha!

VOVÓ: Chega coisa nenhuma. Tem mais.

PAPAI: Estou mesmo arrependido, vovó.

VOVÓ: Eu sei disso, papai. Sei que você está arrependido. A mamãe aí é a / culpada de tudo. Mas bem feito prá você! Devia ter prestado atenção no que lhe disse e não estaria casado com ela. Isto em primeiro lugar. Ela sempre foi uma vagabunda, uma porcalhona muito ordinária, além de ser uma putinha muito à toa. E, não pense que ela tenha melhorado de lá para cá!

MAMÃE: Vovó!!!

VOVÓ: (à mamãe) Você cale a boca. (ao papai) Quando esta menina tinha apenas oito anos de idade, costumava subir no meu colo para dizer, com uma voz de criança enjoada: "Quando eu ficar grande, vou casar-me com um velho bastante rico. Vou sentar o meu bubu numa tijelinha cheia de manteiga. Sim, é isto que eu vou fazer". Eu lhe avisei, papai, eu cansei de advertí-lo para que não casasse com ela, eu o aconselhei a fugir de uma mulher da classe dela. Eu me cansei de avisá-lo. Você não pode negar que eu lhe falei.

MAMÃE: Pare com isso! Você é minha mãe. Não dêle!

VOVÓ: É assim?

PAPAI: É verdade. Sim, vovó! Mamãe tem razão.

VOVÓ: Ah! é? Ora! Na minha idade já não se dá importância a estas ninharias. O mundo deve-nos a indulgência. Deve nos dar a justa importância. Aliás-você não tem dado a importância a que tenho direito. Eu / quero a importância que você me deve.

PAPAI: Está certo, vovó. Providenciarei isto.

MAMÃE: Tenho vergonha de você, vovó!

VOVÓ: Realmente? Você poderia ter escolhido uma hora mais apropriada para falar-me dessa maneira. Você poderia ter se livrado de mim há muito tempo, se está com tanta vergonha! Deveria ter sugerido ao papai que estabelecesse um pequeno negócio para mim. Alguma coisa! Podia ter entrado no comércio de peles, por exemplo! Ou então ter-me tornado cantora! É! Mas não! Nada disso! Você sempre me quiz ao seu lado para poder dormir no meu quarto quando o papai ficou atrevido. Mas isso não tem importância agora, pois o papai não fica mais atrevido. Não posso culpá-lo. Você preferiria dormir comigo, não é papai?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.15

MAMÃE: O papai não quer dormir com ninguém. O papai andou doente.

PAPAI: Andei doente,sim.Nem siquer estou com vontade de dormir aqui no apartamento.

MAMÃE: Prá você ver! Não lhe disse?

PAPAI: O meu único desejo é que tudo isso passe de uma vez.

MAMÃE: É isso mesmo-Qual será o motivo da demora dêles?

VOVÓ: Quem, quem? Quem? Quem?

MAMÃE: Mas-você sabe, vovó!

VOVÓ: Não, não sei.

MAMÃE: Bem-não tem importância se você os conhece ou não.

PAPAI: É verdade?

MAMÃE: Mais ou menos.Olhe só como a vovó embrulhou estas caixas de um modo tão lindo.

VOVÓ: Não tive nenhum prazer em embrulhá-las.Meus dedos ficaram machucados, e isto me assusta.Mas,você manda e não pede!

MAMÃE: Por quê, vovó?

VOVÓ: Não é da sua conta!

MAMÃE: Vá para a cama!

VOVÓ: Não quero ir p ara a cama.Levantei-me agora pouco.Quero ficar aqui e observar.Além disso...

MAMÃE: Prá cama!

PAPAI: Deixe ela acordada,mamãe.Não é meio dia ainda.

VOVÓ: Quero observar.Além disso...

PAPAI: Deixe-a observar,mamãe!

MAMÃE: Muito bem,então.Pode observar.Mas não se atreva a abrir a bôca.

VOVÓ: Os velhos são mestres em prestar atenção. Os velhos não gostam de falar.Os velhos tem colite e cheiro de lavanda.Agora não falare i mais nada.

PAPAI: Ela nunca mencionou seu desejo de ser cantora.

MAMÃE: Oh! Esqueci de contar-lhe isso.Aliás,faz uma eternidade que ela falou-me disto! (tocam a campainha) Minha Nossa Senhora!Chegaram finalmente!

VOVÓ: Quem? Quem?

MAMÃE: Alguém!

VOVÓ: O homen do asilo? É o homen do asilo? Você o conseguiu finalmente? E finalmente o chamou para me levar embora?

PAPAI: Mas não.Mas não, vovó!

VOVÓ: Não confie demais.Ela também o faria sair daqui,caso arrumasse um jeito.

MAMÃE: Não preste atenção em suas palavras,papai.(Virando-se para vovó) Meu Deus, como você é ingrata!

PAPAI: (Torcendo as mãos) Oh,meu Deus! Oh, meu Deus!

MAMÃE: (Virando-se novamente para vovó(Espere um pouco.Logo mais ajustaremos as contas!(virando-se para papai) Que você está esperando? Faça-os entrar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.16

PAPAI: Quem sabe, devíamos considerar tudo isso mais uma vez.Quem sabe, agimos precipitadamente...um pouco precipitadamente talvez...(a campainha toca de novo) Gostaria de conversar mais um pouco sôbre isto...

MAMÃE: Não vejo necessidade nenhuma.Você tomou uma solução.Você foi firme. Masculino e enérgico!

PAPAI: Deveríamos talvez reconsiderar os prós e os...

MAMÃE: Não discuto mais com você.Tem de ser feito.Você estava com a razão.Abra a porta.

PAPAI: Mas não tenho certeza se...

MAMÃE: Abra a porta!

PAPAI: Você diz que eu sempre fui firme?

MAMÃE: Tão firme.Tão firme!

PAPAI: E decidido?

MAMÃE: Oh! Tão decidido! Eu tremí dos pés à cabeça.

PAPAI: E viril? Realmente viril?

MAMÃE: Oh,papai! Tão viril,tremí e desmaiei.

VOVÓ: Realmente? Tremeu e desmaiou? Ah! Ver para crer!

MAMÃE: Você cala a bôca!

VOVÓ: Os velhos têm o direito de falar sòzinhos.Isto não cansa a língua e é reconfortante.(Campainha)

PAPAI: AGORA abrirei a porta.

MAMÃE: QUE papai viril! Já viram um papai mais viril?

VOVÓ: Eu não digo nada.Gente velha quando abre a bôca sai besteira.

MAMÃE: Às vêzes você fala coisas rasoáveis,sabe.

PAPAI: (De costa afastando-se de novo da porta)Quem sabe,poderíamos mandá-los embora.

MAMÃE: Céus! Que poltrão você é!! Que falta de caráter! Maricas! Covarde!

PAPAI: Observe-me então. Vou abrir a porta. Preste atenção.

MA MÃE: Prestamos atenção! Prestamos atenção...

VOVÓ: Eu não.

PAPAI: Olhe! Agora! Está aberta! (Mrs. Barker entra no aposento) CHEGARAM

MAMÃE: CHEGARAM!

VOVÓ: Onde?

PAPAI: Faça o favor de entrar! Chegaram tarde. Naturalmente não esperávamos outra coisa.Sabíamos que iam chegar tarde. Dissemos...

MAMÃE: Papai,não seja malcriado!O que dissemos foi que hoje nada nos satisfaz. E naturalmente,falamos de vocês.Façam o favor de entrar.

BARKER: Muito obrigada.Com licença.Eu não me incomodo por ter de entrar.

MAMÃE: Estamos encantados por termos merecido a honra de sua visita.Antes tarde do que nunca. Não é? A senhora,por certo,ainda se lembra de nós,creio. Já estavam aqui anteriormente. Eu sou a mamãe , êste é o papai, e aquilo alí no canto é a vovó caducando.

BARKER: Olá,mamãe. Olá, papai. E, olá vovó!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 17

PAPAI: Uma vez que a senhora já veio até aqui, por certo não há nenhúma possibilidade de voltar atrás e eventualmente passar um outro dia, não é?

BARKER: Oh, não! Somos por demais eficientes diante de tais coisas. Eu disse:Olá vovó!

MAMÃE: Fale com êles, vovó!

VOVÓ: Mas, não vejo ninguém!

PAPAI: Que vergonha, vovó.Êles já estão aqui.

BARKER: Sim,vovó.Estamos aqui.Eu sou Mrs. Barker.Lembro-me perfeitamente da senhora. Não se lembra de mim?

VOVÓ: Não me recordo não.Quem sabe você era mais môça naquêle tempo.

PAPAI: Ah! Seu nome é Barker,não é? Não quer sentar-se Mrs.Barker?

BARKER: Obrigada.Não me incomodo por me sentar. Com licença.

MAMÃE: Posso oferecer-lhe um cigarro, um drinque, ou prefere cruzar as pernas.

BARKER: Parece que está esquecendo com que está lidando.Ser mulher é minha profissão, para não dizer vocação.Mas não me incomodo de cruzar as pernas.

PAPAI: Fique à vontade.

BARKER: Não me incocmodo de fazê-lo. Com licença!

VOVÓ: Estão ainda aqui?

MAMÃE: Cale a bôca, vovó!

BARKER: Sim,sim-estamos aqui.Deus que apartamento incômodo!

MAMÃE: É. Além disso, não pode imaginar quantas preocupações nos dá. Ouça...

PAPAI: Estava dizendo à mamãe...

BARKER: Já sei. Estava escutando lá fora.

PAPAI: É a respeito da campainha, e da geladeira e da...

BARKER: ...e da latrina! É, somos muito eficientes.Muito eficientes mesmo. Temos que saber de tudo em nossa profissão.

PAPAI: Exatamente-qual é a sua profissão?

MAMÃE: Sim, qual é a sua profissão?

BARKER: Bem,querida, antes de mais nada, sou a presidente do nosso clube de senhoras.

MAMÃE: Não me faça cócegas! Encontrei a presidente do meu clube de senhoras ainda ontem. Sim, ainda on...Mas é claro!! A senhora é a presidente do nosso clube. Lembra papai, a senhora de quem estava falando? A senhora cujo marido vive sentado numa cadeira " de balanço".Lembra?

PAPAI: Não me lembro, não.

MAMÃE: Claro que você se lembra. Desculpe, Mrs. Barker,eu a teria reconhecido em qualquer parte do mundo, menos nesta luz artificial.E, veja só! O seu chapéu é idêntico ao comprado por mim ontem.

BARKER: (dando uma pequena risada) Não é própriamente idêntico. Meu chapéu é creme.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.18

MAMÃE: Ora,ora, querida,êste chapéu pode parecer creme para a senhora, mas...

BARKER: Parece-me que esqueceu novamente com quem está lidando.

MAMÃE: É mesmo. Desculpe. A senhora fique à vontade. Não quer tirar o vestido?

BARKER: Eu não me incomodo de tirar o vestido.Com licença.(tira o vestido)

MAMÃE: Isto! Agora deve sentir-se bem melhor.

BARKER: Bem-o que sei é que tenho um melhor aspecto.

PAPAI: Logo,Vou corar e cair na gargalhada(

BARKER: (Puxando a bainha da sua combinação até acima dos joelhos) Que sorte a sua, ter um marido assim!

MAMÃE: Sorte mesmo. Acha que não sei.

PAPAI: É. Corei, dei uma gargalhada e mmme molhei todo.

MAMÃE: Meu papai é um finório.Não acha,Mrs. Barker?

BARKER: Que tal,se fumasse um cigarro?

MAMÃE: Oh, isso não é necessário.

BARKER: Não me incocmodo absolutamente por fuman.

MAMÃE: Não.Não fume.Não fume mesmo!

BARKER: Mas,eu disse que não me incomodo de fumar...

MAMÃE: Não se fuma em minha casa. Pronto! A senhora, cuja profissão consiste em servir de exemplo às mulheres...

PAPAI: A vovó bebe e fuma,não é, vovó?

VOVÓ: Não.

MAMÃE: Bem, deixemos isso de lado.Que tal,Mrs. Barker,se a senhora nos contasse por que razão veio a nossa casa?

VOVÓ: (enquanto mamãe anda no meio das caixas) Que diabo! As caixas!!!!

MAMÃE: Não enche,vovó. Quieta!

PAPAI: Que disse vovó?

VOVÓ: (enquanto mamãe pisa em cima de várias caixas)Que diabo!As caixas!

BARKER: Caixas, ela disse.Ela mencionou as caixas.

PAPAI: O que há com as caixas, vovó? Quem sabe,Mrs.Barker veio por causa das caixas,por causa dos embrulhos. É isso que você quer dizer?

VOVÓ: Não sei se ia dizer isto,ou não.Em todo caso,não pensei que fôsse exatamente isso o que pretendí dizer.

PAPAI: A vovó é de opinião que...

BARKER: Podemos presumir que os embrulhos sejam para nós?Quero dizer:podemos presumir que estão recebendo caixas diàriamente?

PAPAI: Excelente pergunta!

BARKER: Bom,isto depende do motivo que nos trouxe aqui.Estou sempre lidando com estes probleminhas,sabem.Lembro-me bem,por exemplo de uma de minhas humildes e pequenas atividades em que costumávamos ganhar cestos;num sentido mais simbólico,naturalmente.No entanto,em circunstâncias especiais,podíamos considerar a possibilidade de aceitar também caixas,quaisquer embrulhos.Lamento não lhes poder dar uma resposta melhor do que esta.

PAPAI: Resposta muito interessante.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.19

BARKER: Não é mesmo?Mas será que nos ajudará?

MAMÃE: Receio que não.

PAPAI: Quem sabe,ajuda se lhe digo que me sinto mal.Sinto náuseas e dores.

MAMÃE: Onde,papai?

PAPAI: Bem-especialmente aqui!No lugar exato onde se encontravam os pontos.

MAMÃE: Papai sofreu uma operação delicada,sabe!

BARKER: Oh!Pobre papai! Não sabia.Aliás,como poderia saber.

VOVÓ: Podia ter perguntado.Isso não teria ferido as suas suscetibilida - des!

MAMÃE: Cale a bôca,vovó!

VOVÓ: Gente velha...

MAMÃE: Gente velha...gente velha...Cada palavra que se fala é "gente velha".

VOVÓ: Até que enfim você mostra sua verdadeira cara!Ainda não me acha res secada demais,me parece.As roupas pendem desleixadas do meu corpo como sacos vazios,minhas glândulas lacrimais tornaram-se gânglios duros, minha espinha dorsal virou chiclete! Respiro gêlo!Mas,nunca me queixo.Ninguém ouve gente velha queixar-se,porque todo mundo pensa que gente velha não faz outra coisa senão queixar-se.Porque fizeram da gente velha uma caricatura de queixas com duas pernas.(interrompendo-se,como para anunciar o fim de uma irradiação).

BARKER: O que foi que tinha,papai?

PAPAI: Pois é,sabe como é.Os médicos tiraram fora uma coisa que estava lá e puseram uma outra coisa que lá não estava.Uma operação.

BARKER: Teve sorte-se posso me permitir de assim dizer...

MAMÃE: Oh! Se teve! O papai sabe muito bem disso.A vida tôda êle desejou ardentemente chegar a senador dos Estados Unidos mas agora, agora mudou de opinião,e, para o resto da vida êle vai desejar ser governador.Seria mais perto de casa,sabe!

BARKER: Tem sorte,papai.Sorte mesmo!

PAPAI: Sim.Realmente.Exceto quanto aos achaques que estão me atormentando...atormentando mesmo.MESMO.

BARKER: Isso vai passar.Tenho certeza que sim.É preciso só ter um pouquinho de paciência.Gostaria de compará-lo a uma <u>casa velha</u>...

MAMÃE: Que palavras bonitas! Papai,precisa agradecer a Mrs.Barker!

PAPAI: Obrigado.Muito obrigado!

BARKER: Ambição.Tudo depende de ambição na vida.Conheço um homem que se parece com você,papai.A mesma ambição! Êle é bem mais novo do que você.Êle dirige um pequeno jornal.Um jornaleco sem grande importância... <u>mas êle o dirige</u>.

Êle é o chefe e,ao mesmo tempo o empregado para todo o serviço.Tudo isso reunido numa só pessoa.Êle chama o seu jornal de:<u>O IMBECIL DA ALDEIA</u>.Vocês não podem imaginar quanto senso de humor êle tem.É capaz de fazer tanta autocrítica,é tão modesto, ainda que nunca o admita.O jornal não poderia existir sem êle-êle sòzinho é <u>O IMBECIL DA ALDEIA</u>.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107,p.20

MAMÃE: Fabuloso! Não acha também, papai?

PA PAI: É. Fabuloso.

BARKER: Êste homem é uma pessoa extremamente afetuosa, e êle tem uma mulherzinha carinhosa a quem ama muito...excessivamente.Êle a ama tanto que não sabe pronunciar nem uma frase sem mencioná-la.Êle/ quer que todo mundo saiba que é casado. Francamente,nêste ponto/ êle é ultra-meticuloso. Se está sendo apresentado à alguém, em / vez de sòmente dizer:"Muito prazer", êle não pode deixar de acrescentar:"É claro que sou casado"! Para mim êle é o símbolo do amor conjugal desta terra, ao ponto de ter sido mencionado frequente - mente com palavras elogiosas em revistas especializadas em psi - quiatria.

PAPAI: Não me diga!

MAMÃE: Maravilhoso!

BARKER: Não é? Existe nêste país ódio demais pelas mulheres. Isto é um fato irrefutável!

VOVÓ: Oh! Não diria exatamente isso.

MAMÃE: Fabuloso. Não acha também, papai?

PAPAI: Sim. Fabuloso.

VOVÓ: Caso alguém esteja interessado...

MAMÃE: Quieta, vovó.

VOVÓ: Bobagem.

MAMÃE: Por favor,Mrs. Barker, não leve a mal o que a vovó fala.Ela é caduca.

BARKER: Não quer dizer nada.

PAPAI: Quem sabe, a vovó tem alguma coisa em mente-pretende dizer algo...

MAMÃE: Bobagem!Gente velha não tem nunca nada a dizer.E, caso gente velha tivesse algo a dizer,ninguém prestaria atenção.(Para vovó)Viu? Eu sei falar também a sua linguagem!

VOVÓ: A técnica você pegou, mas não o conteúdo.Além disso,você não pertence à esta categoria de gente velha;você é sòmente de meia idade.

MAMÃE: Bondade sua.

VOVÓ: Preste atenção.Vou lhe explicar como funciona;gente de meia idade acredita ser capaz de fazer tudo.Mas na verdade gente de meia idade não é capaz de fazer a maioria das coisas tão bem como as fizeram quando mais jovens.Gente de meia idade acredita-se o máximo , mas é justamente nêste ponto onde se enganam.Pois são iguais a todo mundo.Vivemos numa idade de confusão de idéias.

VOVÓ: (cont.)Técnica e conteúdo.Com o passar do tempo você vai aprender estas coisas.

PAPAI: Quem me dera não estar rodeado sòmente de mulheres.Desejaria ter homens à minha volta!

BARKER: Compreendo tão bem os seus sentimentos!

VOVÓ: Quase não conto mais como mulher.Será que posso dar a minha opinião?

MAMÃE: Vamos então! Fale! Desembuche!

VOVÓ: É muito simples.Para começar,as caixas não têm nada a ver com a visita desta admirável senhora.Se,de fato,vocês querem saber os motivos pelos quais estas caixas estão aqui...

PAPAI: Tem toda a razão, vovó.Mas o que isto tem que ver com...quer me desculpar,qual é a sua graça mesmo?

BARKER: Mrs.Barker.

PAPAI: Isto mesmo.O que ~~t~~isto tem que ver com a presença da Senhora"qual é o seu nome"?

MAMÃE: Êles vieram porque os convidamos.

BARKER: É.Eis porque estamos aqui.

VOVÓ: E, se vocês estão interessados em saber porque estas caixas estão aqui...

MAMÃE: Ninguém está interessado nesta trouxa!

VOVÓ: Sua atrevida! Sua sem vergonha!

PAPAI: Vocês duas devem parar de brigar.

MAMÃE: Eu não brigo...

PAPAI: Precisam parar.É só isto...

MAMÃE: Por que não chamo o asilo,a fim de que a mandem buscar?

VOVÓ: Não precisam se dar ao trabalho...Não é necessário...Já vou...

PAPAI: Não,quem sabe eu devia ir embora...

MAMÃE: Alguma coisa deve acontecer.Assim,como está,é insuportável.Em primeiro lugar,o apartamento está repleto.Não temos bastante lugar!// (para vovó)É você que ocupa todos os lugares com suas bombas de // clister e seu cachorro pequinês,e só Deus sabe o que mais...e agora ainda todas estas caixas!!!

VOVÓ: Estas caixas...

BARKER: Nunca na vida ouvi falar de bombas de clister...

VOVÓ: O que ela quer dizer é:seringas de clister.Só que ela não conhece a diferença.A mamãe teve uma educação muito deficiente,pois descende de gente extremamente primitiva.E,além disso,quando nasceu... bem,foi um parto extremamente difícil.A cabeça dela tinha forma de banana.

MAMÃE: Oh! Sua ingrata! Papai! Para você ver como ela é ingrata,após tudo que lhe fizemos!(para vovó)Num dia destes vamos interná-la num asilo! Você vai ver!

VOVÓ: Não me diga!

BARKER: Forma de banana?

VOVÓ: Isso mesmo.Exatamente.Forma de banana.

BARKER: Puxa vida!

MAMÃE: Não preste atenção no que ela fala.É tudo mentira.Ela nem sabe o// que está tagarelando.Não faz muito tempo-pensando bem,foi ontem à noite,ela chamou o papai de ouriço velho.

BARKER: Não é possível.

VOVÓ: Bravo,menina.Você me defende!

MAMÃE: Não sei onde ela aprendeu tais expressões.Provàvelmente desta ridícula televisão!

BARKER: É verdade que o chamou de ouriço velho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0607 p. 21

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.22

VOVÓ: Ora,ora,que importância tem se o chamei ou não de ouriço?

PAPAI: A vovó tem razão.Deixe-a em paz!

MAMÃE: (ao papai)Como pode se atrever a falar deste jeito?

VOVÓ: Deixe ela,papai.Esta boba tem uma telha de menos.

MAMÃE: Não lhe disse? Ela aprende tudo isso nestes espetáculos de televisão.Papai,vá imediatamente ao quarto da vovó e retire as cânulas do aparelho dela.

PAPAI: Não me fale em cânulas.O que você quer dizer é tubos!

MAMÃE: Oh! Mamãe esqueceu.(a Mrs.Barker)Sabe,papai tem cânulas agora no lugar onde,antes,existiam membros naturais...

PAPAI: O resto é desnecessário!

BARKER: É verdade?

VOVÓ: Eu sei porque esta querida senhora veio aqui.

MAMÃE: Quieta!

BARKER: Por favor!Diga-me!

MAMÃE: Não,não! Não seria decente!

PAPAI: Além disso, ela não o ignora.Está aqui porque a chamamos.

BARKER: Ué!Mas mesmo assim ando às apalpadelas.Claro,que sei estar aqui por terem nos chamado.Mas sou u'a moça tão ocupada...reuniões prá cá,reuniões prá lá,todas estas atividades caritativas,mais as minhas obrigações na Liga dos Cidadães Leais.

MAMÃE: Meu Deus!É a isso que chamo de uma criatura eficiente.

BARKER: Não é? Por esta razão peço-lhes o grande favor de me ajudar um pouquinho.

MAMÃE: Não,não.Acho que a senhora está enganada.Não posso acreditar que/ exigimos a sua presença aq ui para dar-lhe alguma ajuda.De jeito nenhum.Com os impostos elevados de hoje em dia e a vida cotidiana que não satisfaz a ninguém...A senhora deve estar redondamente enganada.

PAPAI: Isto mesmo.Por quê a senhora não requer uma bolsa de Estudos se / está precisando tanto de ajuda?

MAMÃE: E,se isto não adianta,por que não se inscreve num concurso?...

VOVÓ: E por que não tentar a sorte, esforçando-se por merecer o Prêmio Nobel!!!(baixo para mamãe e papai)Monstros!

BARKER: Oh, que família mais alegre!Sempre disposta para as brincadeiras. Mas,deixem-me pensar.Ultimamente estou sobrecarregada de serviço até as orelhas.Só pensando na Liga Feminina de Assistência em casos de ataques aéreos...Por falar nisso...qual é seu ponto de vista em relação a atques aéreos?

MAMÃE: Hostil.Absolutamente hostil.

PAPAI: Isso mesmo.Absolutamente hostil.

BARKER: Pelo que vejo,não podem ajudar-me nisto.Aliás,existe hostilidade demais por êste mundo afora.Não quero com isto,atormentá-los.Não sou maçante.Além disso,existem maçantes em demasia.

VOVÓ: Já que falamos nisso:começam a perseguir os velhos também.O De-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.23.

partamento de Agricultura-ou,quem sabe,não era o Departamento de Agricultura-de qualquer jeito um Departamento chefiado por uma// môça,elaborou estatísticas comprovando que noventa por cento da/ população adulta do país atinge a idade de oitenta anos...ou oitenta por cento a idade de noventa...

MAMÃE: Nossa Senhora,que mentirosa você é!Não acabou de afirmar que todo mundo é de meia idade?

VOVÓ: Estou sòmente repetindo o que o govêrno diz.Isso não tem nada que ver com o que eu...

MAMÃE: Eu não disse? A televisão é culpada de tudo isso.Papai,vá ao quarto dela e quebre a televisão.

VOVÓ: Não vai achá-la.Ha,ha!Não vai achá-la.

PAPAI: (levantando-se com dificuldade)Bem se não há outro jeito.

VOVÓ: E não pise em cima do pequinês.Êle é cego.

PAPAI: Êle é cego,mas eu não!(sai pelo arco)

VOVÓ: Não vai achá-lo tampouco.

MAMÃE: Eu não sou uma felizarda por ter arranjadom um tal marido?Imagine a senhora,eu podia ter achado um que fosse pobre ou brigão,ou um que passasse o dia inteiro numa cadeira de rodas...OH!MEU DEUS!O que eu disse?O que foi que eu disse meu Deus!

VOVÓ: Você disse que podia ter arranjado um marido que passasse sentado o dia todo numa cadeira de rodas...

MAMÃE: Oh! Estou mortificada.Gostaria de morrer!Gostaria de cortar a lingua...Gostaria...

BARKER: (esforçando-se por dar uma risadinha)Não fique tão aflita...não// quer dizer nada...

MAMÃE: Gostaria...era,gostaria...

BARKER: Não se preocupe! Não pense mais nisso...Por favor!

MAMÃE: A senhora tem razão.Eu simplesmente não pensarei mais nisso,e assim esquecerei que falei tal coisa e tudo ficará O.K. (pausa) ISSO! Já esqueci...E agora que papai foi lá fora,vamos ter um pouco de conversa fiada...

BARKER: Não sei,não...

MAMÃE: Adoro uma pequena conversa fiada...a senhora não?

BARKER: Eu ia perguntar-lhe se não podia arranjar-me um copo d'água.Sinto-me um pouco tonta.

MAMÃE: Vovó,vá buscar um copo d'água para Mrs.Barker

VOVÓ: Vá você.Eu dispenso.

MAMÃE: A vovó adora dar uma ajudazinha aqui e alí no serviço de casa,sabe. Isso lhe dá um certo sentimento de segurança.Aliás falso.

VOVÓ: Eu dispenso.Chega!

MAMÃE: Ora,era,seja uma vovó boazinha!Hm? Senão,você sabe, o que vai acontecer! O asilo!!!

VOVÓ: Você não me põe medo não!Sou velha demais para tais coisas!Além // disso...

MAMÃE: Incrível! Bem,trataremos disso mais tarde!Espere aí...esconderei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p 24

sua dentadura...eu...

VOVÓ: Não se incomode.Já está tudo escondido.

BARKER: Vou desmaiar.Vou mesmo...

MAMÃE: Santo Deus! Então vou eu mesma.(enquanto sai pelo arco,à vovó)Nós duas vamos ainda ajustar as contas.Você vai ver!(sai)

VOVÓ: Vá para o inferno.(à Mrs.Barker)Como se sente meu bem?

BARKER: Um pouquinho melhor...sim,bem melhor!Obrigada, vovó!

VOVÓ: Ótimo!

BARKER: Porém,sinto-me tão perdida...não sabendo porque estou aqui...e,além de tudo, êles dizem que já estive aqui antes...

VOVÓ: Sabe de uma coisa?É certo.Você já esteve aqui.Quer dizer,neste apartamento não,mudamos uma porção de vêzes,de um apartamento para outro.Na escada social de cima para baixo, como ratos, caso você/ goste de comparações.

BARKER: Não,não gosto de comparações.

VOVÓ: Desculpe-me então.

BARKER: (Repentinamente) Vovó,tenho a impressão de que posso confiar na// senhora.

VOVÓ: Se fosse você,não ia confiar demais.A nossa divisa aqui é:Cada um por si,Deus por todos!

BARKER: É assim? Todavia,tenho a absoluta impressão de poder confiar na// senhora.POR FAVOR, diga-me,por favor,qual foi a razão porque nos chamaram para vir aqui?Implore-lhe que me diga isto!

VOVÓ: Meu Deus, isto faz um bem!Há quanto tempo ninguém me fazia um pedido com tamanha insistência.Suplique mais um pouco.

BARKER: Podia ter imaginado essa resposta.Tal filha,tal mãe.

VOVÓ: Não foi minha intenção ser grosseira.Se não quiser implorar,então pelo menos peça,rogue,solicite,suplique,qualquer coisa que lhe // venha na bola!

BARKER: A senhora é uma mulher terrível!

VOVÓ: Qualquer dia você me compreenderá.Por favor!

BARKER: Oh, meu Deus! Que seja,então.Implore,suplico,peço de joelhos...

VOVÓ: De joelhos...Quantos anos faz que não ouço palavras tão lindas... Você é uma mulher querida,encantadora.Você me implora,de joelhos, A isto eu não posso resistir.

BARKER: Por favor,diga-me agora por que êles nos chamaram.

VOVÓ: Pois bem.Aí vai meu palpite.Mais não posso fazer por você.Não passo de uma velha confusa.Préste bem atenção.É importante.-Era uma// vez,não faz <u>muito</u> tempo,embora <u>bastante</u> tempo...faz mais ou menos vinte anos,era uma vez um homem,muito parecido com o papai,e uma mulher muito parecida com a mamãe.Os dois eram casados,da mesma// forma como mamãe e papai estão casados.E êles moravam num apartamento muito parecido com êste aqui.Uma velha estava morando com// eles,muito parecida com a minha insignificância,sòmente que mais môça,pois já se passaram alguns anos.Em suma,todos eram mais moços.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107,p 25

BARKER: Que história excitante!

VOVÓ: Naquele tempo existia uma senhora amável,naturalmente mais môça também,que se excedeu em toda espécie de atividades de beneficiência.E,uma destas atividades beneficientes daquela senhora amável,consistia no fato dela por as suas capacidades voluntárias à disposição de uma organização,muito parecida com uma agência de adoção que se encontra ali na esquina,a Agência "Adeus",chefiada por uma senhora de idade,terrívelmente surda e muito parecida com miss "Adeus" que dirige a agência de adoção "Adeus na esquina.

BARKER: Que interessante!

VOVÓ: Bem,seja como for,um belo dia,aquêle homem que se parecia muito com papai e aquela mulher que se parecia muito com mamãe foram procurar aquela senhora amável que exerceu tantas atividades beneficientes,que se parecia muito com você,meu bem...e êles estavam muito tristes e ao mesmo tempo esperançosos,e êles choravam e riam e roiam as unhas,tão embaraçados estavam,e êles contaram à senhora amável as coisas mais íntimas.

BARKER: Que fascinante! Que foi que disseram?

VOVÓ: Oh! Era muito engraçado.A mulher muito parecida com a mamãe disse que ela e o homem muito parecido com papai nunca tinham sido abençoados com qualquer coisa como um fardo de alegria...

BARKER: Abençoados com que???

VOVÓ: Um fardo.Um pequeno fardo de alegria.

BARKER: Ah! A senhora quer dizer: um embrulho!

VOVÓ: É.Sim.Fardo,embrulho,que diferença faz?Em todo caso foi assim:a mulher parecida com mamãe disse que desejava tanto um fardo próprio e que o homem muito parecido com papai não era capaz de proporcionar-lhe tal fardo.O homem muito parecido com papai disse: isto mesmo,sempre desejavam um fardo que seria dêles,mas que a mulher parecida com mamãe não podia ter um, e assim sendo,êles/ tinham decidido comprar algo como um fardo.

BARKER: Deslumbrante!

VOVÓ: Não é? E a senhora amável muito parecida com você disse alguma/ coisa como;"Que pena!Mas acalmem-se, acho que temos justamente o fardo certo para vocês!"Ou será que ela disse:"embrulho"??Bem seja como for,a mulher muito parecida com a mamãe e o homem // muito parecido com o papai choravam e riam e roeram as unhas de tão excitados que ficaram e contaram à senhora amável muito parecida com você coisas mais íntimas ainda,coisas absolutamente // sem importância,porém ainda mais indecentes.E a senhora amável tão parecida com você e que tinha uma pequena tendência para pornografia,escutou com entusiasmo e caiu numa espécie de êxtase . Ôba!ela disse.Puxa vida!! Mas isso não tem nada com a história.

BARKER: Acho também.Porém,que emocionante!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p 26

VOVÓ: Seja como fôr, êles acabaram por comprar seu fardo ou coisa parecida e leveram-no para casa.Mas,as coisas não saíram tão bem como tinham imaginado.

BARKER: Surgiram dificuldades?

VOVÓ: Isto mesmo.(Lança um olhar em direção ao arco) Tenho de apressar-me agora.Acho que logo vou sair daqui.

BARKER: Deveras?

VOVÓ: Sim.

BARKER: Os velhos não vão à parte nenhuma.Estão sendo levados para um determinado lugar,ou colocados num determinados lugar.

VOVÓ: Bem,com esta velha aqui,asc coisas são diferentes.Seja como fôr;como já disse,as coisas não saíram tão bem como tinham imaginado.

BARKER: E daí?

VOVÓ; Bem, em primeiro lugar verificou-se que o fardo não se parecia // com nenhum dos pais.Isso já era bastante ruim,mas as coisas pioravam.Uma bela noite êle gritou de tal maneira que se podia ouví-lo de longe...

BARKER: Gritou de tal maneira...

VOVÓ: Isso foi sòmente o começo.Com o decorrer do tempo verificou-se// que êle demonstrava sòmente simpatia pelo papai.

BARKER: Pelo papai? Bem tôda mulher com auto-respeito arrancaria os olhos dêle!

VOVÓ: Foi justamente o que ela fêz. Mas depois,êle se tornou arrogante.

BARKER: Tttt! Que nojento!

VOVÓ: Isso também êles acharam.Mas não é tudo.Depois êle começou a se / interessar pelo seu "já-sabe-o-quê".

BARKER: Não me diga! Pelo seu"já-sabe-o-quê"?Oxalá tenham êles lhe cortado as mãos.

VOVÓ: Cortaram, sim, mais tarde. Mas primeiro cortaram seu "já-sabe-o-quê".

BARKER: Ótima idéia!

VOVÓ: Também acharam. Mas aconteceu que, após terem cortado o seu "já-sabe-o-quê",êle continuou pondo as mãos em baixo dos cobertores, procurando seu "já-sabe-o-quê".Êles tiveram finalmente que cortar-lhe as mãos.

BARKER: Confere.

VOVÓ: Porém, o pequeno fardo se ofendeu fàcilmente.Imagine, um dia êle xingou a mamãe,dizendo nomes feios.

BARKER: Bem,espero que lhe tenham arrancado a língua.

VOVÓ: Naturalmente.E depois,à medida que crescia, tornou-se evidente / uma porção de coisas terríveis. Por exemplo:não tinha cabeça nos ombros, faltavam-lhe os intestinos e a espinha dorsal,seus pés// eram de barro...enfim,coisas horríveis.

BARKER: Horrível!

VOVÓ: Ficaram mais que desanimados,pode imaginar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107/p.27

BARKER: Evidentemente. E depois? O quê fizeram depois?

VOVÓ: O que fizeram depois? A última gôta,aquela que fêz transbordar o copo foi que um belo dia êle se deitou e morreu.Pode imaginar como êles ficaram sentidos. Tanto sacrifício e tanto dinheiro / perdido.Consternados,chamaram a senhora que lhes vendera o fardo,e pediram que viesse imediatamente para o apartamento.Queriam tomar satisfações.Queriam seu dinheiro de volta.Isso mesmo.Queriam o dinheiro de volta.

BARKER: Meu Deus!

VOVÓ: Está aflita,hm?

BARKER: Ah, Meu Deus!

PAPAI: (nos bastidores) Mamãe, não acho a televisão da vovó. Nem o pequinês.

MAMÃE: (nos bastidores) Engraçado. Não acho água.

VOVÓ: He, he, he! Não disse que tudo estava escondido?

BARKER: Escondeu também a água?

VOVÓ: (confusa) Não. A água não.

PAPAI: (nos bastidores) Se você quer saber a verdade...nem acho o quarto da vovó.

VOVÓ: He, he, he!

BARKER: Escondeu tudo mesmo. Não é assim?

VOVÓ: Claro, meu bem.Claro.

MAMÃE: (pondo a cabeça pela porta) O que você me diz,vovó? O papai não consegue achar sua televisão, nem o pequinês, e, para falar a / verdade, nem encontrou o seu quarto.

VOVÓ: Não lhe disse que escondí tudo?

MAMÃE: Bobagem, vovó. Já vou aí e você vai ver. Você é um desmancha-prazeres. Isto é que você é.

VOVÓ: Não fique nervosa, menina.Logo não estarei mais aqui.

MAMÃE: Agora você fala a verdade.Há quanto tempo o papai quer internar você num asilo e foi sòmente eu quem o impediu.Mas agora fique/ sabendo de uma coisa.Estou farta dessas brigas o tempo todo.Agora vou fazer a vontade dêle.Agora você vai ver! O seu tempo chegou.Você estará no asilo,sem dar por isso.Direi ao papai para / chamar imediatamente o homem do asilo.

VOVÓ: Já tomei a dianteira.

MAMÃE: Onde já se viu uma velha tão convencida? Você não tem compreensão acerca de sua situação.

VOVÓ: Por quê pergunta,se já conhece a resposta?

~~BARKER~~:

MAMÃE: Mrs. Barker, por favor venha até a cozinha para tomar seu copo de água. Aqui não é possível, com a vovó incomodando a todo instante,-e além disso...

BARKER: Não vejo o que a vovó tem com isso. E, francamente,não acho você muito delicada.

MAMÃE: Parece que está esquecendo que o hóspede nesta casa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107.p.28

VOVÓ: Apartamento.

MAMÃE: Apartamento...e que você é uma mulher profissional.Agora,se quiser te r a gentileza e ir comigo até a cozinha,ficarei muito contente por poder mostrar-lhe onde se encontra a água e onde se encontra o copo...e depois saberá explicar tudo isso,se é que tem bastante inteligência para contar até quatro.(ela desaparece).

BARKER: (após um momento de meditação)Acho que ela tem razão.

VOVÓ: Bem,para você ver no que resulta ir à casa dos outros,quando a chamam por telefone, no intuito de fazer-lhe um favor.

BARKER: Provàvelmente a senhora também tem razão.Bem,vovó,foi um prazer conversar com a senhora.

VOVÓ: O prazer foi meu de escutar aquilo que você contou. Aliás é melhor não contar à mamãe e papai que eu lhe dei um palpite.

BARKER: Ai,Meu Deus,o palpite! Quase me esqueci.Não,não.Pode ficar descansada,não direi palavra.

VOVÓ: Não sei se ajudou em alguma coisa...

BARKER: Não sei dizer ainda.Tenho,tenho que relacionar tudo,é isso mesmo, e sta é a palavra certa,tenho que pôr certas coisas em relação às que disse,certas coisas que eu sei, para poder tirar conclusões... O que tenho a fazer em primeiro lugar é: examinar se existe tal// relação.Afinal eu sou ajudante voluntária numa agência de adoção, mas essa agência não é parecida com a agência "Adeus",porque ela é a Agência "Adeus".E, embora eu esteja lembrada que mamãe e papai me procuraram,faz vinte anos,para comprar um fardo,não consigo me lembrar se alguém me procurou para tal fim,parecido com // mamãe e papai.Compreende? É um problema complicado.Tenho de pensar bem sôbre isso, ponderar, meditar...De qualquer maneira a senhora estará aqui quando eu voltar?

VOVÓ: Provàvelmente.Não sou mais tão ligeira como antigamente.

BARKER: Muito bem.Nêsse caso não me despedirei ainda da senhora.

VOVÓ: Não.Não é preciso. (Mrs.Barker sai pelo arco)Êles não querem se despedir dos velhos,porq ue não querem meter mêdom nêles.Oh,meu// Deus, se soubessem como é ridículo quando dizem:"Como vai? Forte? Você está com ótima aparência,etc..."não diriam nada disso.A verdade é que se pode dizer bem poucas coisas para os velhos que são simplesmente terríveis.(tocam a campainha) Entre!

(O JOVEM entra.Vovó olha para êle de cima para baixo.)

VOVÓ: (cont.)Até que enfim! Aí vem uma brisa refrescante!

JOVEM: Olá.

VOVÓ: Cruzes! Você é o homem do asilo?

JOVEM: O homem do quê?

VOVÓ: O homem do asilo, do asilo.Você veiu para me buscar?

JOVEM: Não sei de quê está falando.

VOVÓ: Oh! Bem. (pausa) Você é formidável,não é? O Tal! Hm?

JOVEM: Como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.29

VOVÓ: Eu disse: Você é craque, maravilhoso.

JOVEM: Oh, obrigado.

VOVÓ: Você não parace muito entusiasmado com o meu elogio.

JOVEM: Oh, é que estou...estou acostumado.

VOVÓ: Sabe de uma coisa? Se estivesse mais ou menos cento e cinco anos mais moça, ia namorar você!

JOVEM: Posso imaginar!

VOVÓ: Puxa vida, olhe êsses músculos!

JOVEM: (Movimentando os músculos) Bem bons, não é mesmo?

VOVÓ: Nossa! Será que tudo isso é natural?

JOVEM: Bem, a estrutura básica existe, mas também dei a minha contribuição. Treinando box.

VOVÓ: Tenho certeza disso. Você deveria estar no cinema, rapaz!

JOVEM: Sei disso.

VOVÓ: Diretamente na tela. Sim. Suponho que muitos já lhe disseram isso, não é?

JOVEM: É.

VOVÓ: Você deveria tentar trabalhar num filme, sabe?

JOVEM: De fato, tenho uma carreira pela frente. Passei quase tôda a minha vida na Califórnia e conheci lá algumas pessoas...que podia me fazer progredir. Além do mais não tenho muita pressa. Sou quase tão jovem quanto pareço.

VOVÓ: Esplêndido! E seu rosto, rapaz! Que rosto!

JOVEM: É. Não é feio. Não. Franco, limpo, tipo do jovem do campo no Médio Oeste, de uma beleza quase provocante, com maneiras típicamente americanas. Perfil bom, nariz arrebitado, olhar honesto, sorriso encantador...

VOVÓ: (qualquer têrmo de exclamação)Isso é o que você é!Quem disser o // contrário não sabe o que diz...você é...O SONHO AMERICANO.

JOVEM: Obrigado.

MAMÃE: (nos bastidores) Quem tocou a campainha?

VOVÓ: (gritando para dentro) O SONHO AMERICANO!

MAMÃE: (fora)O quê? Que você diz?

VOVÓ: (gritando)O Sonho Americano! O Sonho Americano, diabo!

PAPAI: (fora) O que ela está dizendo, mamãe?

MAMÃE: (fora) Qualquer bobagem. Não preste atenção. Achou o quarto da vovó?

PAPAI: (fora) Não. Não consigo nem achar Mrs. Barker!

JOVEM: Diga-me! O quê significa tudo isso?

VOVÓ: Não é nada. A querida família sòmente. Mas, para que falar dela? É cem vêzes mais interessante falar de você, meu amor!

JOVEM: O.K.

VOVÓ: Vamos lá, então. Você diz que não é o homem dox asilo. O que está fazendo aqui?

JOVEM: Procuro serviço.

VOVÓ: Oh! Que espécie de serviço?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p. 23-30

JOVEM: Oh, para mim tanto faz...qualquer um...qualquer trabalho de renda. Faço tudo por dinheiro.

VOVÓ: Hum? É assim? Bem, estou me perguntando se teria serviço para / você aqui...

JOVEM: Por que não? Podia ser, não é? De fora, o prédio me parece adequado...

VOVÓ: Para mim pareceu sempre um prédio absolutamente inadequado, suponho, porém, que você entenda disso melhor do que eu...

JOVEM: Eu sinto essas coisas.

VOVÓ: Quem sabe haja alguma coisa que você possa fazer por aqui. Fique lá! Não se aproxime de mim!

JOVEM: Desculpe.

VOVÓ: Não quero dizer que ia me importar. Nem sei se ia me importar ou não. Mas não ia ficar bem. Ficaria feio, até!

JOVEM: Tem razão.

VOVÓ: Então, fique aí e deixe-me pensar. Que espécie de serviço você/ poderia fazer aqui? A querida família encontra-se num certo embaraço, num certo dilema...e eu estou me perguntando se você não poderia ser útil!

JOVEM: Por quê não, se dá dinheiro! Aliás a senhora tem algum dinheiro?

VOVÓ: Dinheiro? Nesta casa a gente tem mais dinheiro do que você pode gastar.

JOVEM: Será?

VOVÓ: Bem, quem sabe não seja tanto. Além disso, tenho dinheiro próprio.

JOVEM: Verdade?

VOVÓ: Verdade. Sabe, acontece muitas vêzes que os velhos tem uma porção de dinheiro. Bem mais do que os outros pensem. Aproxime-se um pouco, para que eu possa segredar para você..., mas não perto demais, senão poderia desmaiar.

JOVEM: Oh, perdão.

VOVÓ: Está bem, está bem. Preste atenção. Já ouviu falar da grande competição de fazer bolos? Onde todas as mulheres se encontram num celeiro grande num campeonato de fazer bolos?

JOVEM: Não. Acho que não...

VOVÓ: Não se aproxime demais! Em suma, não tem importância se você já ouviu falar daquela competição, ou não. O importante é, e não// quero que alguém saiba disso, porque a querida família pensa que eu não saí de casa durante oito anos. Bem, o certo é que êste ano ganhei o primeiro prêmio naquele campeonato de fazer bolos. Oh , os jornais deram tudo direitinho...naturalmente não com o meu nome verdadeiro. Usei um nome de guerra: TIO HENRIQUE.

JOVEM: Não me diga!

VOVÓ: E, por quê, não? Eu podia ser, do mesmo modo, um velho como uma velha. E, sabe como chamei o bôlo que me valeu o prêmio?

JOVEM: Não. Como o chamou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.31

VOVÓ: "Bôlo de ontem" de TIO HENRIQUE.

JOVEM: Bonito nome.

VOVÓ: É. E tudo isso não deu trabalho nenhum. Sabe como fiz? Comprei um bôlo na confeitaria, deixei êle guardado por aí, e depois passei/ o bôlo secretamente nas mãos dos membros do juri. Ninguém notou// nada. Foi muitíssimo simples.

JOVEM: Puxa, como a senhora é sabida, hem!?

VOVÓ: Raça de pioneiros, sabe?

JOVEM: Não leve a mal, mas a senhora não vai querer que eu acredite em// tudo isso!

VOVÓ: Tanto faz para mim se você acredita ou não. O que vale para mim é que ganhei vinte e cinco mil mangos com o "Bôlo de ontem" de TIO/ HENRIQUE.

JOVEM: Vinte e cinco mil...!!!

VOVÓ: Até o último vintém! O quê você me diz agora?

JOVEM: Legal!

VOVÓ: Sabia que você ficaria impressionado.

JOVEM: Dinheiro é o melhor modo de entendimento.

VOVÓ: He! Você me parece conhecido!

JOVEM: Como disse?

VOVÓ: Disse que você me parece conhecido.

JOVEM: É bem possível. Eu fui manequim durante algum tempo.

VOVÓ: Não. Não é isso. Você me lembra alguém.

JOVEM: Bem. Sou um tipo...

VOVÓ: Se é! Escute! Porque disse que faria tudo por dinheiro?...Não tome a mal se lhe espremo um pouco, não é?

JOVEM: Não, não. Faz parte da entrevista. Sabe como é, eu não tenho talento algum e não me incomodo absolutamente de contar-lhe tudo. Como/ já disse, não tenho talento algum, com exceção do que está vendo : minha pessoa, meu corpo, meu rosto; de resto, estou incompleto, e, por causa disso tenho que, como direi, que compensar.

VOVÓ: O que você quer dizer com incompleto? Você me parece bastante completo.

JOVEM: Parece que posso ter confiança na sra. e explicar tudo. Em parte// porque a sra. é tão velha. Gente velha sabe guardar segrêdos, porque se os revelam aos outros, bem, a sra. sabe melhor do que eu o que significa o ridículo e a indiferença.

VOVÓ: Sei, filho, sei.

JOVEM: Então escute. Minha mãe morreu na noite em que nasci. Eu nunca conheci meu pai.É bem possível que minha mãe tão pouco o conhecesse. Porém não era sòzinho, alguém estava deitado ao meu lado na placenta, meu irmão, meu irmão gêmeo.

VOVÓ: Oh, continue filho!

JOVEM: Éramos gêmeos...êle e eu...não fraternais, mas idênticos.Éramos do mesmo óvulo. E assim, sendo gêmeos do mesmo óvulo, existia entre//

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-32

JOVEM: (cont)nós uma semelhança tão grande que a sra, não pode imaginar. Um sentia o outro respirar...O coração dêle pulsando nas minhas// fontes e vice-versa...Os nossos estômagos doíam ao mesmo tempo e ao mesmo tempo chorávamos, pedindo alimento. Tem bastante idade / para compreender?

VOVÓ: Acho que sim, filho. Acho que tenho quase a idade para compreender você.

JOVEM: Tomara. Acontece que nos separaram muito pequenos, meu irmão de mim, até ox ponto em que se pode falar de separação de um sêr. Fomos separados à fôrça, jogados em cantos opostos do continente. Não sei o que aconteceu com meu irmão, meu outro ego...Sei sòmente que com o passar dos anos, com algumas interrupções, sofri perdas, para as quais não tenho explicações. Eu caí no pecado...perdi minha inocência, perdas e mais perdas. Como dêvo explicar! Quem sabe, assim:Um dia comecei a me sentir mal, foi como se meu coração parasse, como se fosse arrancado do meu corpo, e, a partir daquêle momento fiquei impossibilitado de amar. Certa vêz, estava dormindo, acordei e os meus olhos arderam...e, desde aquela época fiquei impossibilitado de contemplar seja o que fôr, nem com compaixão...Nem com afeição. A única coisa que sinto, é a indiferença fria.Não sou mais um homem. Até minha virilidade...um dia senti uma dôr imensa e a partir daquele momento não posso mais amar com meu corpo.Até minhas mãos, não sei mais tocar uma outra pessoa e sentir°amor.E tem mais, mais perdas, perdi a capacidade de sentir seja o que fôr. Tôdas as minhas emoções se extinguiram. Ando dissecado, despedaçado,estipadopado.E o que restou...Eis aqui minha pessoa, corpo e rosto.Faço uso do/ que tenho. Deixo-me amar pelos outros, me conformei com meu destino. Pois sei muito bem que, mesmo que não sinta atração alguma pelos outros, tenho de deixá-los sentir atração por mim. Deixo que me amem, que toquem meu corpo, que procurem prazeres desta minha existência problemática. Como já disse, sou incompleto, incapacitado para qualquer sentimento. Agora já sabe tudo sôbre mim. Eu/ sou o que vê aqui. E assim será sempre, por todos os tempos.

VOVÓ: Oh, rapaz, rapaz!(grande pausa) Estava enganada, antes. Você não só me parece conhecido. O fato é que conheci, uma vez, alguém muito parecido com você, ou melhor, muito parecido com o rapaz que// você era...

JOVEM: Cuidado! Cuidado! O que lhe contei talvez não seja verdade. Na// minha profissão...

VOVÓ: Shhh (o jovem anaixa a cabeça dòcilmente) Falando de um modo mais preciso, parecido com alguém que poderia ter-se tornado naquela// pessoa que você teria sido, se não fosse o que é. Para finalizar, a não ser que esteja enganada, achou o seu emprêgo.

JOVEM: Qual seria o meu serviço?

BARKER: Hú! Hú! Hú!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p 33

VOVÓ: Ai, meu Deus, apure os ouvidos, rapaz. Até que tenha oportunidade de falar com você de nôvo, tenho que retomar meu papel de atriz .

BARKER: (entrando) Olá, vovó! Que bom! Finalmente encontro uma alma viva. Imagine não acho papai, nem mamãe. (vê o rapaz) Oh! Quem é êsse ?

VOVÓ: Oh! Hum...bem...êste é o jovem do asilo. É isso mesmo. Ojovem do asilo.

BARKER: Então é verdade? Chamaram mesmo o homem do asilo? Vão levá-la embora?

VOVÓ: (dando ds ombros) O que você quer que eu faça?É assim mesmo. Foi/ exatamente o que ficou combinado.

BARKER: (ao jovem) Como pode se atrever a levar esta pobre velhinha?

JOVEM: (lançando um olhar para a vovó, que lhe dá sinal com a cabeça)Cumpro ordens. Sou pago para isso. Não faço perguntas.

BARKER: (pausa curta) Oh! (pausa) Certamente você tem razão. Não deveria/ meter-me nisso.

VOVÓ: (ao jovem) Por favor, quer levar meus pertences para o carro(in - dica as caixas)

JOVEM: (hesitando de modo imperceptível) Com prazer!

VOVÓ: (enquanto o jovem pega a metade das caixas e se dirige para fora) Pessoa amável o jovem do asilo. Não acha?

BARKER: (abana a cabeça, incrédula) Por incrível que pareça algumas coisas mudaram para melhor. Me lembro muito bem quando mandei buscar mi - nha mãe, o homem do asilo não tinha a metade da amabilidade dêste.

VOVÓ: Então, também mandou levar a sua mãe?

BARKER: (alegre) Claro que sim! A sra. não?

VOVÓ: (confusa) Não. Eu não. Não que me lembre! (em tom de negócio)Escute aqui meu bem. Tenho de conversar a sós com você!

BARKER: Como não! Às ordens!

VOVÓ: Por favor, preste atenção.

BARKER: Sim, vovó. Sim.

VOVÓ: Preste muita atenção. Você se encontra, por assim dizer, num certo dilema com papai e mamãe...

BARKER: Certo. Estou curiosa para saber onde êles foram.

VOVÓ: Não se aflija. Êles voltarão. Eu disse:PRESTE ATENÇÃO!

BARKER: Desculpe.

VOVÓ: Você se encontra nêsse dilema com papai e mamãe,me parece que achei o caminho pelo qual você poderá sair dêle. (o jovem entra) Querido, quer ter a bondade de levar o restante? (o jovem pega as caixas e sai) Ótimo! Agora,escute, meu bem! (cochichando no ouvido)

BARKER: (exclamações) Oh! Oh! Sim! O quê? Que idéia maravilhosa... que idéia extraordinária... fenomenal...

VOVÓ: Também achei.

BARKER: Acho a idéia arrebatadora, maravilhosa. Vou imediatamente procurar papai e mamãe.

VOVÓ: Muito bem.

BARKER: Então...Então...acho que vou me despedir agora. Não sei como agradecer-lhe (sai)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 34

VOVÓ: Não há de quê. Pode dizê-lo agora.

BARKER: Ð quê?

VOVÓ: Adeus.

BARKER: Isso mesmo. Adeus.(ela saiu pelo arco; ouve-se ainda chamar) PApaiiiiii! Mamãeeeeeeee!

VOVÓ: Adeus. (sòzinha agora, ela olha ao seu redor) Ai de mim. (abana a cabeça) Ai de mim! (dá uma última olhadela no aposento) Adeus . (o jovem volta) Então estamos prontos?

JOVEM Levei as caixas para fora. Tem mais alguma coisa?

VOVÓ: (um pouco triste) Não sei porque me dou ao trabalho de levá-las. Não te m muita coisa dentro...algumas cartas velhas, alguns remorsos, meu pequinês... cego como é...minha televisão, minha dentadura de domingos, oitenta e seis anos vividos...alguns sons... alguns retratos já amarelados...e...(dando de ombros)você já sabe...as coisas que a gente junta...

JOVEM: Quer que lhe consiga um táxi, ou em que lhe posso ser útil?

VOVÓ: É só levar mais outras caixas, meu filho. Muito obrigada.De hoje em diante terei que aprender novamente a ser independente.

JOVEM: E eu? Que devo fazer agora?

VOVÓ: Você fica aqui, meu bem.Tudo ficará claro para você. Será explicado tudo. Você entenderá.

JOVEM: Está bem.

VOVÓ: (com um último olhar pelo aposento) Então...

JOVEM: Eu a acompanharei até o elevador.

VOVÓ: Muita gentileza , meu rapaz.(os dois saem devagar pela porta da// frente.(Entra Mrs.Barker,seguida por mamãe e papai)

BARKER: ...e tenho muito prazer em lhes comunicar que tudo está resolvido e em ordem.

MAMÃE: Graças a Deus! Já estávamos com receio de que surgissem dificuldades, adiantamentos, prazos, ou coisa parecida.

PAPAI: Sim. Sentimo-nos realmente aliviados.

BARKER: Isto faz parte do trabalho das mulheres profissionais.

MAMÃE: E a vovó! Onde está a vovó? A vovó não está aqui! Onde está? E , veja só! Nem as caixinhas não estão mais aqui. A vovó se foi e// as caixas se foram também. Safou-se, e, vai ver, papai, roubou alguma coisa também.

BARKER: Ora, mamãe, o jovem do asilo esteve aqui.

MAMÃE: (espantada) Quem???

BARKER: O jovem do asilo. Do asilo!

(de repente as luzes ficam fracas, apagam-se um pouco)

MA MÃE: (abana a cabeça) Não. Impossível!

BARKER: Mas se lhe digo que o vi com meus próprios olhos!

MAMÃE: Não, não(quase chorando) Impossível. Não existe nenhum homem do asilo. Nós o inventamos! Vovó! Vovó!

PAPAI: (aproximando-se de mamãe) Calma, mamãe, quieta! Não fique nervosa!

MAMÃE: Oh, papai...onde está a vovó?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.35.

PAPAI: Acalme-se. Calma.

(enquanto papai tenta consolar mamãe, a vovó entra em cena e fica parada perto da ribalta ao lado direito).

VOVÓ: (ao público) Shhhh! Aí tem coisa e eu quero observar. (ela faz sinal à Mrs. Barker para dirigir-se até a porta da frente. Mrs. // Barker anda nas pontas dos pés, sorrindo misteriosamente. Ela abre, e, na moldura da porta aparece o jovem. As luzes aumentam novamente enquanto o SONHO AMERICANO entra)

BARKER: Atenção! Atenção! A surprêsa do século! Aqui estamos.

MAMÃE: O quê? Oquê?

PAPAI: Hein? O quê?

MAMÃE: (falando entre soluços) Que surprêsa?

BARKER: A surprêsa!! A surprêsa da qual lhe falei!

PAPAI: Você...você já sabe, mamãe?

MAMÃE: Uma surprêsa?

PAPAI: (querendo animá-la) Você não se lambra mais, mamãe, porque pedimos a senhora "Qual é a sua graça" para vir aqui?

BARKER: Mrs. Barker...Mrs. Barker, por favor.

PAPAI: Você está lembrada agora, mamãe? Lembra as nossas conversas, discutindo como conseguir satisfação? E, sôbre o pequeno fardo?

MAMÃE: (de repente tornando-se alegre) Sim, sim. Claro! Como podia esquecer?!

BARKER: (ao jovem) Esta é a mamãe.

JOVEM: Muito prazer.

BARKER: (ao jovem, baixo) O nome dela é mamãe!

JOVEM: Como, como vai, mamãe?

MAMÃE: Olá! Muito bem!

BARKER: (ao jovem) E êste é o papai.

JOVEM: Muita satisfação.

PAPAI: Igualmente.

MAMÃE: (restabeleceu-se e gira à volta do jovem, apalpando seus braços, dando-lhe alguns empurrões íntimos nascostas) Isto sim! Sim senhor! Êste sim, é muito melhor, muitíssimo!papai, venha ver! Venha ver se realmente isto não é uma coisa muito melhor!

PAPAI: Eu estou vendo tudo isto daqui, mamãe. Isto realmente é uma coisa muito melhor.

MAMÃE: Isto sim! Sim senhor!! Mrs. Barker, não sei como lhe agradecer!

BARKER: Não precisa preocupar-se com isso. Eu lhe enviarei a conta pelo correio.

MAMÃE: Isso é realmente um grande motivo para uma celebração. Isso merece um drinque!!

BARKER: Oh, que idéia maravilhosa!!

MAMÃE: Temos uma garrafa de champagne na cozinha.

JOVEM: Vou buscá-la.

MAMÃE: Você vai mesmo? Que bom! A cozinha fica aí atrás.(enquanto o jovem sai, ela fala à Mrs. Barker) Êle é encantador. Realmente uma espe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 36

MAMÃE: (cont.)cialidade. Muito melhor do que o outro.

BARKER: Eu estou feliz por vê-la tão satisfeita. E também felicíssima por tudo ter terminado de uma maneira tão boa.

MAMÃE: Pelo menos sabemos agora o motivo pelo qual a chamamos. E também estamos ffelizes porque tudo se esclareceu. Por falar nisso, como é mesmo o nome dêle?

BARKER: Chame-o pelo nome que desejar. Êle pertence à vocês. Chame-o pelo mesmo nome que chamavam o outro!

MAMÃE: Papai, como chamávamos o outro?

PAPA I: (confuso) O outro?!?!

JOVEM: (volta com uma bandeja onde está uma garrafa de champagne e 5 taças) Aqui está.

MAMÃE: Viva! Viva!

BARKER: Muito bem!

MAMÃE: (aproximando-se da bandeja) Então vamos...Cinco taças? Por que cinco? Somos sòmente quatro! Por que cinco?

JOVEM: (percebendo o olhar da vovó que indica não desejar ser vista) Desculpe!

MAMÃE: Você precisa aprender a contar. Somos uma família fina, e você predisa aprender a contar muito bem.

JOVEM: Aprenderei.

MAMÃE: Hem! Cada um pegue a sua taça! Vamos beber para celebrar. PARA A SATISFAÇÃO!Quem foi que disse não ser mais possível hoje em dia conseguir a satisfação!!

BARKER: Que champagne horrível!

MAMÃE: Sim, isso mesmo! (ao jovem) (sua voz adocicou-se, tornando-se um pouco pastosa devido à champagne) Você nem pode imagánar como eu me sinto feliz só por olhar para você. Sim senhor, se você soubesse o que nós passamos com...com o outro! Eu lhe contarei em outra ocasião.(indicando a senhora Barker).Depois que ela fôr embora. Ela é a grande responsável por tôda essa enorme confusão.Eu lhe explicarei tudo mais tarde.(ela chega-se bem junto à êle) Quem sabe, quem sabe, mais tarde, esta noite.

JOVEM: (afastando-se um pouco dela) Sim, isto seria muito bom!

MAMÃE: (confusa) Alguma coisa em você me é familiar, sabe!Eu não sei bem...

VOVÓ: (interrompendo,à platéia)Bem,acredito que isto a tudo resolveu. Afinal,seja para a vida ou seja para a morte, tudo não passou de uma comédia; parece-me bastante razoável ir parando por aqui.Bastante razoável mesmo.

Deixemos pois,que fiquem as coisas
nos lugares onde por certo ficarão...
aproveitemosnos enquanto todo mundo
sente-se assim tão feliz...
enquanto todo mundo possue aquilo
que sonhou...
ou quem sabe,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.010 fp 34

VOVÓ: enquanto todo mundo imagina
ter sonhado aquilo que agora tem.
Boa noite! Bons sonhos!

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-38

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O SONHO AMERICANO

b) Título original: _____

c) Autor: Edward Albee

d) Tradutor: Elizabeth Kander

e) Diretor: _____

f) Produtor: Rubens José

g) Companhia: _____

h) Classificação da Censura: 16 anos

II) Análise

a) Gênero: Drama

b) Argumento: A peça é do conhecido dramaturgo americano Edward Albee que, em suas obras, procura sempre analisar o comportamento social e criticar os costumes contemporâneos. A idéia do autor é-nos transmitida através dos diálogos dos personagens "papai", "mamãe", Mrs. Barker e o "jovem". Num texto aparentemente simples temos toda uma simbologia bem elucidativa. Nesta peça é focalizado o problema da falta de comunicação do casal (papai e mamãe) já de meia idade, mal muito comum na sociedade em que vivemos. Outro aspecto visto é da velhice, como são tratados os velhos de um modo geral, os quais quando começam a "atrapalhar" a vida de seus familiares são mandados para o asilo.

c) ~~XXXXXXXXXXXXXX~~ É a questão mais importante analizada é o da educação do jovem americano (poderíamos estender aos jovens de todo o mundo) mutilado e frustado pelos êrros e angustias injustificadas de seus pais. Tudo isso na peça, repito, e apresentado por símbolos.

2 - Impressão final: _____

d) Diálogos: São aparentemente simples, representando, contudo, nas entre linhas, o que os símbolos sugerem.

e) Cenas: A peça é de um só ato. Toda ela passada na mesma cena, uma sala de estar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 39

f) Personagens: Papai, mamaẽ, vovó, Mrs. Barker e um jovem.

Papai, ao redor dos 60 anos, um pouco gordo e pequeno.
Mamaẽ, ao redor dos 50 anos corpulenta, grande, maior do que papai.
Vovó, muito velha e frágil.
Mrs. Barker, pujante de vitalidade, um pouco mais moça que mamaẽ.
Jovem; no decorrer dos acontecimentos em cena ele se descreve a si mesmo.

g) Valor educativo:
Como crítica dos costumes da época em que vivemos, serve como advertência à falta de comunicação entre as pessoas, à ditatura e incompreensão dos pais em relação aos filhos e à intolerância em relação aos velhos.

III) Conclusão

Pelo tema abordado, acho que nem todos terão maturidade para compreender o significado da peça. Por isso, sugiro censura para maiores de 16 anos.

Brasília, 12 de abril de 19 71

Heloisa M. D. d'Oliveira

Técnico de Censura - Cart. nº

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA ~~LUIZ CARLOS MELO AUCÉLIO~~ WILSON CAMARGO E HELOISA M. D. D OLIVEIRA, QUE A EXAMINARAM.

TÍTULO - O SONHO AMERICANO

AUTOR - EDUARD ALBEE

REST. - ~~14 ANOS C/CORTES~~ WILSON DEZESSEIS - ~~16 ANOS POR AMBOS OS CENSORES~~ HELOISA

OBS - LIBERADA EM 7.1.68 C/A CLASSIFICAÇÃO 16 ANOS C/CORTES.

EM 12 DE ABRIL DE 1971

ANTÔNIO DE P. C. ALVES

T.C.T.C.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p-40

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O SONHO AMERICANO

b) Título original:

c) Autor: EDWARD ALBEE

d) Tradutor: ELISABETH KANDER

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: TEATRO SEDES

h) Classificação da Censura: 14 ANOS

II) Análise

a) Gênero: COMEDIA

b) Argumento: ESTÓRIA DE UMA FAMILIA IDOSA EM QUE A MÃE DA ESPOSA VIVE COM O CASAL. APARECEM OUTROS PERSONAGENS MRS. BARKER UMA REPRESENTANTE DA LIGA DAS MULHERES E UM JOVEM A QUE A VOVÓ DENOMINA DE SONHO AMERICANO

c) 1 - Mensagem: BOA

2 - Impressão final: TRADUÇÃO DE UMA PEÇA AMERICANA APRESENTANDO A VIDA DE UM CASAL E PARENTES.

d) Diálogos: COMUNICATIVOS

e) Cenas: VISTA DO ENSAIO GERAL
A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.41

f) Personagens: PAPAI , MAMÃE, VOVÓ , MRS.BARKER E O JOVEM

g) Valor educativo: RELATIVO

III) Conclusão PODE O PRESENTE SER LIBERADO PARA MAIORES DE 14 ANOS. SUGERIMOS O CORTE DA PALAVRA PUTINHA AS FLS. 7. À CONSIDERAÇÃO SUPERIOR, ESCLARECENDO A CHEFIA QUE A PRESENTE JÁ FOI LIBERADA ANTERIORMENTE PARA MAIORES DE 16 ANOS.

Brasília, 17 de ABRIL de 1971

Técnico de Censura - Cart. nº 008
WILSON CAMARGO

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA WILSON CAMARGO E HELOISA M. D. D OLIVEIRA, QUE A EXAMINARAM.

TÍTULO - O SONHO AMERICANO

AUTOR - EDUARD ALBEE

REST. - 14 - QUATORZE - ANOS C/CORTES CAMARGO E
16 - DEZESSEIS - ANOS HELOÍSA

OBS - LIBERADA EM 7.1.68 C/A CLASSIFICAÇÃO 16 ANOS C/CORTES

EM 12 DE ABRIL DE 1971

P/ ANTÔNIO DE P. C. ALVES
T.C.T.C.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 42

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Senhor Chefe:

Examinados os pareceres anexados a êste processo, inclino-me pelo que foi exarado pelo Técnico de Censura Heloisa M. D. d'Oliveira, que no seu trabalho elucidou devidamente a Chefia quanto ao verdadeiro sentido da obra de Edward Albee e suas implicações no que concerne à classificação etária.

Vale destacar que esta peça já tem censura anterior, tendo sido liberada em 7.10.68 com 16 anos e cortes.

No presente texto, com tradução de Elizabeth Kander, o Técnico de Censura Heloisa d'Oliveira não sugere qualquer corte, o que, entretanto, é feito no parecer do Técnico de Censura Wilson Camargo, quando indica à supressão a expressão "putinha", a fls. 7, com o que concorda esta Seção.

Assim, opino pela liberação de "O Sonho Americano" com a classificação de 16 anos e corte da expressão "putinha" à fls. 7.

Em: 14 de abril de 1971.

Wilson de Queiroz Garcia.
Chefe da Seção de Censura.

Libere-se com a impropriedade de 16 anos, com o corte sugerido.
14.04.71

DPF-SAv. 241

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107 p. 43

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3606-71

PEÇA "O SONHO AMERICANO"

ORIGINAL DE E. ALBEE

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

COM CORTES

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 16 de ABRIL de 19 76

Brasília, 16 de ABRIL de 19 71

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p44

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 13, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" O SONHO AMERICANO"

COM CORTES

Original de E. ALBEE

Tradução de E. KANDER

Adaptação de

Produção de TEATRO SEDES - - SP-

Tendo sido censurada em 12 de ABRIL de 19 71 recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS C/ CORTE// CORTAR A EXPRESSÃO "PUTINHA" NA FÔLHA 7 (SETE)//////////

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

-O PRESENTE CERTIFICADO TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP//

-WILSON DE QUEIROZ GARCIA-

Brasilia, 16 de ABRIL de 1971 -CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA-

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107 p. 45

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 235
Data 20/4/71

Do CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA DO SCDP

Para SR. CHEFE DA TCDP/DR/SP

Assunto: PROVIDÊNCIAS -SOLICITA-

SR. CHEFE,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJA ASSISTIDO O ENSAIO GERAL DA PEÇA TEATRAL ABAIXO INDICADA, PODENDO SER ENTREGUE AO INTERESSADO TÔDA A DOCUMENTAÇÃO, CASO A CLASSIFICAÇÃO ESTABELECIDA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO NO ENSAIO GERAL, DEVENDO, POSTERIORMENTE, SER REMETIDO O RESPECTIVO RELATÓRIO.

[redacted]

TÍTULO- O SONHO AMERICANO
AUTOR - E. ALBEE
INTER.- TEATRO SEDES
ENDER.- SÃO PAULO//SP

ATENCIOSAMENTE,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107 fp. 46

R 10/68

P-194

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Carimbo do S. C.	Autuação
	"O SONHO AMERICANO"
	de EDWARD ALBEE
	Tradução de ELIZABETH KANDER

Anexos:

PEÇA TEATRAL

Distribuição

	16	ANOS	

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.47

D.F.S.P.
037056 | 12 DEZ 67

Exmo. Snr. Coronel Diretor do Serviço de Censura Federal.
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL EM BRASILIA.

A' PFS. Anexo 3 (Treis) exemplares da peça
Em 12/12/67
Portocarrero

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI em 12/12 1967 AS 1130 HS.
ASS
HEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

JOSÉ APARECIDO INOCÊNCIO DA CUNHA, Empresario teatral, vem respeitosamente, requerer se digne S. Exa., mandar proceder a censura da peça abaixo qualificada, para o que junta os documentos de Lei.

NO ME:- O SONHO AMERICANO.

AUTOR:- EDWARD ALBEE

TRADUTORA:- ELISABETH KANDER.

LOCAL:- TEATRO DE ARTE, RUA MAJOR DIOGO 318, SÃO PAULO. (PRÉ-ESTREIA EM SOROCABA, SP. 29/12/67. ESTREIA EM SÃO PAULO, 2 de JANEIRO DE 1968.

Nestes Termos.
P. Deferimento.

São Paulo, 5 de Dezembro de 1967.

D. P. F.
PROTOCOLO Nº 68 P. F. S.
Entrada em 12/12/67
Funcionário
Saida em ___/___/___
Funcionário

À SCDP
para providenciar
Br. 12/Dez/67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p. 48

De acordo com
parecer anexo
16 anos c/ corte
Brasília.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-49

Direitos de Representação — Autorização Nº 171229

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Louco Americano

Original de Edward Albee

Música de

Tradução de Elizabeth Kander

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para Censura de peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Rio de Janeiro, 4 de Dez de 1967

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.50

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham rétribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 51
entregue

O SONHO AMERICANO

de

EDWARD ALBEE

Tradução de Elizabeth Kander

PROIBIDO
ATÉ
16 ANOS

PERSONAGENS

Mamãe
Papai
Vovó
Mrs. Barker
O Sonho Americano

ooo000ooo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p-52

Personagens:

Mamãe: Ao redor dos 50 anos, corpulenta, grande, em todo caso maior do que

Papai: Ao redor dos 60, um pouco gordo, pequeno.

Vovó: Muito velha, frágil.

Mrs. Barker: Pujante de vitalidade, um pouco mais moça do que mamãe.

Jovem: No decorrer dos acontecimentos em cêna ele se descreve a si mesmo. Usa calça Blue-jeans, camisa de manga curta.

Cenário: Uma sala de estar. Duas poltronas, uma em cada lado do palco, voltadas para a plateia, colocadas em diagonal, possibilitando às pessôas se defrontarem quando nelas sentadas. Um sofá na parede traseira. Do lado extremo direito uma porta de saída. Na parede do lado na extrema esquerda um arco conduzindo a outros cômodos. Ao levantar do pano, mamãe e papai estão sentados nas poltronas. Papai na poltrona da esquerda, mamãe na da direita. Silêncio. Depois:

Mamãe: Qual será o motivo da demora dêles?

Papai: Como de costume, êles estão atrasados.

Mamãe: CLARO que estão atrasados. Não é de admirar.

Papai: As coisas estão assim hoje em dia. Não há solução para o caso...

Mamãe: Infelizmente...

Papai: Na ocasião em que fomos combinar as condições de aluguel deste apartamento, êles demonstraram uma pressa louca para me fazer assinar o contrato; estavam doidinhos para pôr a mão no meu cheque, em pagamento por adiantado do aluguel dos dois primeiros mêses.

Mamãe: E mais um mês de depósito...

Papai: É... mais um mês de depósito! Tinham uma pressa dos diabos para tomar informações a meu respeito. Sim - que pressa tinham ANTES! Mas agora? Em se tratando do conserto da geladeira ou da campainha da porta, uma vaga referência ao vazamento da latrina, diante de qualquer tentativa no sentido de convencê-los a dar um jeito nestas complicações, ah... ei-los calmos, já não tem mais aquela atitude urgente...

Mamãe: É claro que não! Seria até de se admirar caso fôsse diferente. Hoje em dia todo mundo imagina poder permitir-se tudo. E, infelizmente se permitem tudo. Ontem fui comprar um chapéu novo. (Pausa) Eu disse que fui comprar um chapéu novo, ontem.

Papai: Oh - está bem.

Mamãe: Preste atenção quando eu falo!

PROIBIDO
ATÉ
—16 ANOS—

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 53

Papai: Mas eu presto atenção, mamãe!

Mamãe: Acho bom.

Papai: Pode ficar sossegada. Eu presto atenção.

Mamãe: Muito bem, papai. Então escute.

Papai: Estou escutando.

Mamãe: Realmente?

Papai: Sim. Estou escutando. Sou todo ouvidos.

Mamãe: (Dá uma risadinha, pensando no que ela vai contar. Depois): Pois bem. Ontem fui comprar um chapeu novo e disse: "Por favor, eu gostaria de comprar um chapéu novo". E, êles me mostraram alguns chapéus, chapéus verdes e azuis, mas eu não gostei de nenhum. Nem um pouco. — Quê foi que eu disse? Quê acabo de falar?

Papei: Você não gostou de nenhum. Nem um pouco.

Mamãe: Isso mesmo. Foi exatamente assim. Continue prestando atenção: E, depois êles me mostraram um do qual gostei. Era um chapeuzinho encantador, e eu disse: "Oh, este é um chapeuzinho muito bonitinho. Vou ficar com êle. Oh, Deus meu, é um amoréco de chapéu. Qual é a sua côr? E êles me disseram: "Ora, é béje! Não é mesmo um amoréco de chapeuzinho béje?" Então eu disse: "Oh! É um encanto!" E assim, eu o comprei. (Pára, fixando papai)

Papai: (Para mostrar a sua atenção.) E assim você o comprou.

Mamãe: E assim eu o comprei e saí da loja, já com o chapeuzinho na cabeça. E quem, imagine você, qual foi precisamente a primeira pessôa com quem me deparei durante o trajeto? Imagine só! Foi justamente a presidente do nosso clube de senhoras. E ela me disse: "Oh, querida, que chapeuzinho encantador! Onde descobriu êste encanto de chapeuzinho? É a coisinha mais bonitinha que jamais vi na minha vida. Eu mesma sempre desejei um chapéu côr de areia. E então eu disse: "Mas não, querida. Êste chapéu é béje. BÉJE. E ela riu e falou: "Oh, não, querida! A côr deste chapéu é areia. AREIA. Você não vai me dizer que eu não sei distinguir entre béje e areia!" Daí eu disse: "Ora, ora, querida, absolutamente, mas eu tambem sei distinguir o béje do areia"! — Quê foi que eu disse? Sobre o quê eu estava falando?

Papai: Ora, querida, mas eu tambem sei distinguir o béje do areia.

Mamãe: Isto mesmo. E então ela riu e continuou: "Incrivel, minha querida, francamente, êles fizeram gato e sapato de você! É óbvio que a côr deste chapéu é areia. Qualquer um percebe isto. Mas, assim mesmo não deixa de ser um encanto." Depois ela se despediu, deixando-me alí parada. É uma mulher horrivel, você não a conhece. Tem um gosto horrivel, dois filhos horríveis, uma casa horrivel e um marido absolutamente adorável que passa a vida sentado numa cadeira de rodas. Você

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 54

não o conhece. Você não conhece ninguem, não é mesmo?- O quê eu estava dizendo? Ah! Ela é a mulher mais horrivel que você possa imaginar, mas sendo, como é, a presidente do nosso clube de senhoras, naturalmente é minha amiga e gosto incrivelmente dela. E assim, voltei diretamente para a loja de chapéus e fui logo dizendo: "Quê quer dizer isto! Quê absurdo é este! Vocês me vendem um chapéu, afirmando categoricamente ser béje a sua côr, e, no entanto, a côr deste chapéu é areia pra chu-chú. A-mais-a-mais, sempre soube distinguir o béje do areia. Em todas as circunstâncias. Mas com a luz artificial desta casa isto não é possivel. Sabe, papai, êles usam luz artificial.

Papai: Não me diga!

Mamãe: E eu continuei: "Bastou eu sair daquí deste ambiente de luz artificial e me ver à clara luz do dia, para reparar que a côr deste chapéu não era béje coisa nenhuma, mas areia, o mais puro areia que já vi em toda minha vida". E êles retrucaram: "Como foi possivel reparar em tal coisa, se o chapéu estava em sua cabeça?" Neste ponto eu perdí a calma e estourei. Foi assim que resolví armar um bruta de escândalo alí mesmo. Desandei a berrar, e berrava o mais alto que podia. Arranquei o chapéu da cabeça e o arremessei por cima do balcão. Oh! Foi uma cêna terrivel. Eu disse que fiz um bruta de um escândalo!

Papai: (Ràpidamente.) Sim... sim... Bravo!

Mamãe: Sim, fiz a cêna mais escandalosa que você possa imaginar! Êles se assustaram e me disseram: "Oh, madame!" Mas eu continuei até fazê-los admitir a possibilidade de ter ocorrido um erro! E então êles levaram o meu chapéu para dentro, e dalí a pouco voltaram com um chapéu que me pareceu ser exatamente o meu. Dei uma olhadela nele e disse: "Êste chapéu é areia. AREIA". Bem, com muita naturalidade êles me disseram: "Não, não, madame, a côr deste chapéu é béje! A senhora que ter a bondade de examiná-lo à luz do dia!" Eu não podia deixar de sair para a rua e examiná-lo. Quê posso dizer-lhe? Não é que a côr do chapéu era mesmo béje?! Assim o comprei.

Papai: (Pigarreando) Poderia imaginar que se tratava do mesmo chapéu vendido a você da primeira vez.

Mamãe: (Dá uma risadinha) Mas, CLARO que era!

Papai: É. Hoje em dia as coisas são assim mesmo. Por mais que a gente tente, nunca se consegue ficar satisfeito.

Mamãe: Mas, papai, eu fiquei satisfeita!

Papai: Folgo em saber disto, mamãe. Você, então, ficou satisfeita!

Mamãe: Qual será o motivo da demora dêles? Qual será o impedimento?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 55

Papai: Já fazem duas semanas que eu estou tentando encontrar um cara que venha consertar aquele vazamento da latrina. Não encontrei ninguem.

Mamãe: Aí está. Você nunca fica satisfeito, enquanto que eu sou capaz de ficar satisfeita. Eu consigo. Você não!.

Papai: Mas, já fazem duas semanas que procuro sem encontrar. Duas semanas! Não é tanto por minha causa. Afinal, eu sempre posso ir satisfazer as minhas necessidades lá no meu clube!

Mamãe: Nem tanto! Não é comigo que você se preocupa quando insiste em consertar o vazamento da latrina. Eu faço perfeitamente as minhas necessidades, fazendo as minhas compras!

Papai: É. Pensando bem, é por causa da vovó!

Mamãe: Claro que é por causa da vovó! A vovó vive gemendo. Geme cada vez que precisa ir à privada. Mas agora, depois que deu o vazamento, ela geme ainda mais. Dá até a impressão que deixou de funcionar.

Papai: A vovó não pode deixar de funcionar, pois já faz muito tempo que não funciona. Caducou!!

Mamãe: É claro que já não funciona, porêm o motivo não é o vazamento da latrina!

Papai: Tem razão. É mesmo. Tenho de pôr aquela joça funcionando.

Mamãe: Qual será o motivo da demora dêles? Qual será?

Papai: Na primeira vez êles chegaram dez minutos adiantados. Naquele tempo êles tinham bastante pressa! (Entra a vovó, vindo pelo arco à esquerda do palco. Carrega uma porção de caixas, grandes e pequenas, embrulhadas e amarradas de um modo muito bonito.)

Mamãe: Puxa, vovó! Quê é isso? Quê você está carregando aí?

Vovó: Caixas, caixas! Quê lhes parece?

Mamãe: Papai! Olhe só! Veja só quantas caixas a vovó está carregando.

Papai: Cruzes, vovó! Quantas caixas!

Vovó: Onde devo colocá-las?

Mamãe: Meu Deus, não sei. Para que servem?

Vovó: Vá pro diabo que a carregue, não é da sua conta!

Mamãe: Bem. Neste caso pode deixá-las aí, ao lado do papai!

Vovó: (Livrando-se das caixas, jogando-as no chão, em cima dos pés de papai, e por toda parte). Espero que você não se demore muito para mandar arrumar o vazamento da latrina.

Papai: Eu tambem estou aflito. Não vejo a hora de vê-los fazendo este conserto. A toda hora você não faz senão gemer e lamentar-se!

Mamãe: Papai, que falta de respeito! Falar deste jeito à vovó!

Vovó: É. Que pouca vergonha. Ousar falar-me desta maneira!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 56

Papai: Desculpe-me vovó!

Mamãe: Papai pediu desculpas, vovó!

Vovó: Está bem. Está perdoado. Agora preciso ir tratando de buscar o restante das caixas. Afinal das contas, creio que mereço que as pessôas falem comigo desta maneira. Já estou ficando velha, tão velhinha. Quase todo mundo imagina que, quando uma pessôa vai ficando velha, assim tão velhinha quanto eu, isto significa que esta pessôa morreu, seja por causa do frío, seja pelo efeito do calor. Porêm, não é isto o que acontece. O que acontece exatamente, é que, quando uma pessôa vai envelhecendo, as outras lhe dizem tais coisas. Isto é tudo.

Papai: (Arrependido.) Já disse: Desculpe vovó!

Mamãe: É. Papai pediu-lhe desculpas, vovó!

Vovó: Está bem. Está perdoado. É apenas isso que interessa. Os outros pedem desculpas e a gente se sente melhor. A gente se sente respeitada. Para mim, isto não me diz respeito, isto não tem a mínima importância. Aquilo que você deve possuir, é o senso de dignidade, mesmo porque isto tanto faz, quanto tanto fez. Em caso contrário, isto significaria a queda do ocidente!

Mamãe: Você andou lendo novamente as seleções do meu clube do livro!

Papai: Como ousa ler as seleções do Clube do Livro da mamãe, vovó!

Vovó: Porque estou ficando velha, e gente velha tem de fazer alguma coisa. Gente velha não pode mais conversar com os outros sem que êles venham logo com respostas ríspidas. Basta a gente envelhecer, para que o próximo se ache no direito de nos falar rispidamente. É uma coisa contra a qual os velhos nada podem fazer. É, por estas e por outras que, quando a gente percebe que está ficando velha, trata logo de ir ficando ao mesmo tempo surda - é - para não ter de ouvir o próximo nos falando de uma maneira tão rude. É ainda por motivos idênticos que os velhos procuram sumir por baixo dos cobertores em uma enorme casa confortável e macia. É. Para não sentirem a casa toda tremendo até os alicerces diante dos bérros que o próximo lhes dirige. Aí está ainda o motivo pelo qual os velhos acabam finalmente na eventualidade da morte. É isto mesmo. O próximo tem a mania de falar aos velhos desta maneira. Bem, agora eu vou buscar o restante das caixas. (sai)

Papai: Pobre vovó. Não era minha intenção magoá-la.

Mamãe: Não se preocupe, papai. A vovó não sabe bem o que está pensando.

Papai: Entretanto, ela sabe o que diz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107,P; 57

Mamãe: Não se aflija. Ela esquecerá isso logo. Eu amo a vovó.

Papai: Eu amo a vovó tambem. Olhe só, com que delicado cuidado ela embrulhou estas caixas.

Mamãe: A vovó toda vida embrulhou caixas de uma maneira linda. Quando eu era menina, era muito pobre, e a vovó, da mesma forma que eu, era muito pobre também, pois o pobrezinho do vovô já tinha ido para o céu. Naquele tempo, todos os dias, na hora de eu ir para a escola, vovó costumava pegar uma caixa e embrulhá-la lindamente para mim; uma caixinha que eu levava para a escola. E, quando chegava a hora do recreio, todos os meninos e meninas, meus coleguinhas, tiravam de dentro de suas lancheiras os embrulhinhos de lanche. Nunca aparecia nenhum embrulhado de maneira tão linda como as caixinhas que vovó embrulhava para mim. Todos êles desfaziam os embrulhos afim de poderem comer os conteudos, uma coxa de galinha e um bolo de chocolate. Nestes momentos eu costumava dizer-lhes: "Vejam só, como é linda esta minha caixa de lanches. Não está ela embrulhada que é um amor? O simples fato de pensar que teria de abrí-las já era de me quebrar o coração. E assim, eu jamais abrí uma daquelas caixinhas que vovó embrulhava para mim.

Papai: Porque estavam vazias.

Mamãe: Oh, não! A vovó sempre as enchia, pois nunca comia a refeição cozinhada na véspera; ela a punha toda na minha caixa de lanches, para o dia seguinte. Quando eu voltava da escola, devolvia-lhe a caixa; e então, abrindo-a, comia a coxa de galinha e o bolo de chocolate que estavam lá dentro. Ela costumava dizer-me: "Eu sou doida por bolo amanhecido. Para comê-lo espero sempre que complete um dia de idade". Vem daí a expressão: BOLO DE UM DIA DE IDADE. A vovó tinha o hábito de comer tudo amanhecido, e por isso eu me acostumara a comer da merenda de todos os meninos e meninas, meus coleguinhas da escola, pois todos êles sempre imaginaram que a minha caixa de lanches estivesse vazia. Como êles pensavam isto de minha caixa de lanches, eu não a abria. O que elas imaginavam era estar eu cometento o pecado do orgulho, e a idéia de serem mais virtuosos do que eu parecia ser, os fazia bastante generosos para comigo.

Papai: Você era uma pequena bastante hipócrita!

Mamãe: É que éramos tão pobres! Mas, depois casei-me com você, papai, e agora somos muito ricos.

Papai: A vovó não é rica.

Mamãe: Não. Mas você tem sido tão generoso para com ela que a fez sentir-se rica. Ela ignora o seu desejo de fazê-la ir para um asilo de velhos.

Papai: Nunca pretendí fazer tal coisa!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.58

Mamãe: Mas, por Deus - EU gostaria! Já não aguento mais vê-la cozinhando, arrumando a casa, lustrando a prataria e mudando os móveis de lugar...

Papai: Mas, se ela gosta de fazer estas coisas! Ela afirma ser isto o mínimo que pode fazer afim de ganhar a vida.

Mamãe: Bem - pensando bem, ela tem razão. Não se pode viver às custas dos outros. Eu posso viver à sua custa, porque me casei com você. Que sorte a sua, papai, eu ter trazido sòmente a vovó quando casamos. Conheço uma porção de mulheres que teriam trazido a familia inteira, para sugá-lo como vampiros. Eu trouxe sòmente a vovó. Ela é a minha família toda.

Papai: Sou um homem de sorte. Realmente!

Mamãe: Se é! Tenho todo o direito de viver às suas custas pois me casei com você, e porque sempre o aliviei durante a noite, permitindo que você descarregasse por cima de mim seus malditos e mal-cheirosos humores. Adquirí assim o direito de ficar com todo o seu dinheiro depois da sua morte. Quando você estiver morto, nós poderemos ter uma vida independente, sem precisar da ajuda de quem quer que seja, eu e a vovó, no caso de ela ainda estar aqui, de você não a ter jogado num asilo de velhos.

Papai: Mas, não pretendo colocá-la num asilo de velhos. Já disse.

Mamãe: Bem - gostaria muito que alguem fizesse alguma coisa com ela!

Papai: Bem - de qualquer maneira, você está bem provida.

Mamãe: Você é o meu amor, papai - e eu estou muito feliz.

Papai: E eu adoro minha mãezinha. (entra a vovó, carregando mais caixas).

Vovó: (Jogando as caixas aos pés do papai e ao redor.) Pronto. E isto é o restante das caixas.

Papai: Elas estão embrulhadas de um modo tão bonitinho.

Vovó: Deixe de fazer farol e de bancar o engraçadinho comigo...

Mamãe: Vovó!!!

Vovó: Não precisa agradar-me, dizendo que as caixas estão bem embrulhadas, depois de haver dito que eu vivo gemendo e chorando! Agora é tarde...

Mamãe: Vovó!!!

Vovó: Vá tomar banho! Você não tem nenhum sentimento, e isto é que te mata. - Quando a gente fica velha, costuma fazer toda espécie de barulho, sem, no entanto, ter nenhuma culpa, pois não há como evitá-lo. Gente velha é assim mesmo, geme, chora, arrota, faz um barulho dos diabos na mesa; os velhos costumam despertar no meio da noite, gritam e acabam por perceber que nem siquer estavam dormindo. Finalmente, quando pegam no sono e tentam acordar, já não o conseguem; pelo menos não o conseguem por muito tempo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p-89

Mamãe: Chega! Sempre a mesma ladainha!

Vovó: Chega coisa nenhuma. Tem mais.

Papai: Estou mesmo arrependido, vovó.

Vovó: Eu sei disso, papai. Sei que você está arrependido. A mamãe aí é a culpada de tudo. Mas bem feito pra você! Devia ter prestado atenção no que lhe disse e não estaria casado com ela. Isto em primeiro lugar. Ela sempre foi uma vagabunda, uma porcalhona muito ordinária, além de ser uma putinha muito à tôa. E, não pense que ela tenha melhorado de lá para cá!

Mamãe: Vovó!

Vovó: (à mamãe) Você cale a boca! (ao papai) Quando esta menina tinha apenas oito anos de idade, costumava subir no meu colo para dizer, com uma voz de criança enjoada: "Quando eu ficar grande, vou casar-me com um velho bastante rico. Vou sentar o meu bubu numa tijelinha cheia de manteiga. Sim, é isto que eu vou fazer". Eu lhe avisei, papai, eu cansei de advertí-lo para que não casasse com ela, eu o aconselhei a fugir de uma mulher da classe dela. Eu me cansei de avisá-lo. Você não pode negar que eu lhe falei.

Mamãe: Pare com isso! Você é a minha mãe. Não dêle!

Vovó: É assim?

Papai: É verdade. Sim, vovó! Mamãe tem razão.

Vovó: Ah, é? Ora! Na minha idade já não se dá importância a estas ninharias. O mundo deve-nos a indulgência. Deve nos dar a justa importância. Aliás - você não tem dado a importância a que tenho direito. Eu quero a importância que você me deve.

Papai: Está certo, vovó. Providenciarei isto.

Mamãe: Tenho vergonha de você, vovó!

Vovó: Realmente? Você não poderia ter escolhido uma hora mais apropriada para falar-me desta maneira. Você poderia ter-se livrado de mim há muito tempo, se está com tanta vergonha! Deveria ter sugerido ao papai que estabeleça um pequeno negócio para mim. Alguma coisa! Podia ter entrado no comércio de péles, por exemplo! Ou então ter-me tornado uma cantora! É! Mas não! Nada disso! Você sempre me quis ao seu lado para poder dormir no meu quarto quando o papai ficou atrevido. Mas isso não tem importância agora, pois o papai não fica mais atrevido. Não posso culpá-lo. Você preferiria dormir comigo, não é, papai?

Mamãe: O papai não quer dormir com ninguem. O papai andou doente.

Papai: Andei doente, sim. Nem estou com vontade de dormir aqui no apartamento.

Mamãe: Pra você ver! Não lhe disse?

Papai: O meu único desejo é que tudo isso passe de uma vez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.60

Mamãe: É isso mesmo. - Qual será o motivo da demora dêles?

Vovó: (imitando pássaro) Quem? quem? quem? quem?

Mamãe: Mas - você sabe, vovó!

Vovó: Não, não sei.

Mamãe: Bem - não tem importância se você os conhece ou não.

Papai: É verdade?

Mamãe: Mais ou menos. - Olhe só como a vovó embrulhou estas caixas de um modo tão lindo.

Vovó: Não tive nenhum prazer em embrulhá-las. Meus dedos ficaram machucados, e isto me assusta. Mas, você manda e não pede!

Mamãe: Por quê, vovó?

Vovó: Não é da sua conta!

Mamãe: Vá para a cama!

Vovó: Não quero ir para a cama. Levantei-me agora pouco. Quero ficar aquí e observar. Além disso...

Mamãe: Pra cama!

Papai: Deixe ela acordada, mamãe. Não é meio dia ainda.

Vovó: Quero observar. Além disso...

Mamãe: Muito bem, então. Pode observar. Mas não se atreva a abrir a boca.

Vovó: Os velhos são mestres em prestar atenção. Os velhos não gostam de falar. Os velhos tem colite e cheiro de lavanda. Agora não falarei mais nada.

Papai: Ela nunca mencionou seu desejo de ser cantora.

Mamãe: Oh! Esquecí de contar-lhe isso. Aliás, faz uma eternidade que ela falou-me disto! (tocam a campainha) Minha Nossa Senhora! Chegaram finalmente!

Vovó: Quem? quem?

Mamãe: Alguem.

Vovó: O homem do asilo? É o homem do asilo? Você o conseguiu finalmente? E finalmente o chamou para me levar embora?

Papai: Mas não. Mas não, vovó!

Vovó: Não confie demais. Ela também o faria sair daqui, caso arrumasse um jeito.

Mamãe: Não preste atenção em suas palavras, papai. (virando-se para vovó) Meus Deus, como você é ingrata!

Papai: (torcendo as mãos) Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

Mamãe: (virando-se novamente para vovó) Espere um pouco. Logo mais ajustaremos as contas! (virando-se para papai) Quê você está esperando? Faça-os entrar!

Papai: Quem sabe, devíamos considerar tudo isso mais uma vez. Quem sabe, agimos precipitadamente... um pouco precipitadamente talvez... (a campainha toca de novo) Gostaria de conversar mais um pouco sobre isto...

Mamãe: Não vejo necessidade nenhuma. Você tomou uma solução. Você foi firme. Masculino e enérgico!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.61

Papai: Devíamos talvez reconsiderar os prós e os...

Mamãe: Não discuto mais com você. Tem de ser feito. Você estava com a razão. Abra a porta.

Papai: Mas - não tenho certeza se...

Mamãe: Abra esta porta!

Papai: Você diz que eu sempre fui firme?

Mamãe: Tão firme! Tão firme!

Papai: E decidido?

Mamãe: Oh! Tão decidido! Eu tremí dos pés à cabeça.

Papai: E, viril? Realmente viril?

Mamãe: Oh, papai! TÃO viril; tremí e desmaiei.

Vovó: Realmente? Tremeu e desmaiou?? Ah! Ver para crer!

Mamãe: Você cala a boca!

Vovó: Os velhos têm o direito de falar sòzinhos. Isto não cansa a língua e é reconfortante. (Campainha)

Papai: AGORA abrirei a porta.

Mamãe: QUE papai viril! Já viram um papai mais viril?

Vovó: Eu não digo nada. Gente velha quando abre a boca sai besteira.

Mamãe: Às vezes você fala coisas razoáveis, sabe.

Papai: (de costas, afastando-se de novo da porta) Quem sabe, poderíamos mandá-los embora.

Mamãe: Céus! Que poltrão você é!! Que falta de caráter! Maricas! Covarde!

Papai: Observe-me então. Vou abrir a porta. Preste atenção. AGORA!

Mamãe: Prestamos atenção! Prestamos atenção...

Vovó: Eu não.

Papai: Olhe! Agora! ESTÁ ABERTA! (Mrs. Barker entra no aposento) CHEGARAM!

Mamãe: CHEGARAM!

Vovó: Onde?

Papai: Faça o favor de entrar! Chegaram tarde. Naturalmente não esperávamos outra coisa. Sabíamos que iam chegar tarde. Dissemos...

Mamãe: Papai, não seja malcriado! O que dissemos foi que hoje nada nos satisfaz. E, naturalmente, falamos de vocês. Façam o favor de entrar.

Barker: Muito obrigada. Com licença. Eu não me incomodo por ter de entrar.

Mamãe: Estamos encantados por termos merecido a honra de sua visita. Antes tarde do que nunca. Não é? A senhora, por certo, ainda se lembra de nós, creio. Já estavam aqui anteriormente. Eu sou a mamãe, êste é o papai, e aquilo alí no canto e a vovó caducando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.62

Barker: Olá, mamãe. Olá, papai. E, olá, vovó!

Papai: Uma vez que a senhora já veiu até aqui, por certo não há nenhuma possibilidade de voltar para trás e eventualmente passar um outro dia, não é?

Barker: Oh, não! Somos por demais eficientes diante de tais coisas. Eu disse: "Olá, vovó!

Mamãe: Fale com êles, vovó!

Vovó: Mas, não vejo ninguem.

Papai: Que vergonha, vovó. Êles já estão aqui.

Barker: Sim, vovó. Estamos aqui. Eu sou Mrs. Barker. Lembro-me perfeitamente da senhora. Não se lembra de mim?

Vovó: Não me recordo, não. Quem sabe, você era mais moça naquele tempo.

Mamãe: Vovó! Como pode falar desta maneira com Mrs. Barker!

Barker: Calma, mamãe! Não ralhe com ela. Quem sabe, ela tem razão.

Papai: Ah! Seu nome é Barker, não é? Não quer sentar-se Mrs. Barker?

Barker: Obrigada. Não me incomodo por me sentar. Com licença.

Mamãe: Posso oferecer-lhe um cigarro, um drinque, ou prefere cruzar as pernas?

Barker: Parece-me que está esquecendo com quem está lidando. Ser mulher é minha profissão; para não dizer vocação! Mas, não me incomodo de cruzar as pernas.

Papai: Fique à vontade.

Barker: Não me incomodo de fazê-lo. Com licença!

Vovó: Estão ainda aqui?

Mamãe: Cale a boca, vovó!

Barker: Sim, sim - estamos ainda aqui. - Deus, que apartamento incômodo!

Mamãe: É. Além disso, não pode imaginar quantas preocupações nos dá. Ouça...

Papai: Estava dizendo à mamãe...

Barker: Já sei. Estava escutando lá fora.

Papai: A respeito da campainha, e da geladeira, e da...

Barker: ...e da latrina! É, somos muito eficientes. Muito eficientes mesmo. Temos que saber de tudo em nossa profissão.

Papai: Exatamente - qual é a sua profissão?

Mamãe: Sim, qual é a sua profissão?

Barker: Bem, querida, antes de mais nada, sou a presidente do nosso Clube de Senhoras.

Mamãe: Não me faça cocégas! Encontrei a presidente do meu clube de Senhoras ainda ontem. Sim, ainda on... Mas é claro!! A senhora é a presidente do nosso clube. Lembra papai, a senhora de quem estava falando? A senhora cujo marido vive sentado numa cadeira de balança? Lembra?

Papai: Não me lembro, não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.63

Mamãe: Claro que você se lembra. Desculpe, Mrs. Barker, eu a teria reconhecido em qualquer parte do mundo, menos nesta luz artificial. E, veja só! O seu chapéu é idêntico ao comprado por mim ontem.

Barker: (dando uma pequena risada) Não propriamente idêntico. Meu chapéu é creme.

Mamãe: Ora, ora, querida, este chapéu pode parecer creme para a senhora, mas...

Barker: Parece-me que esqueceu novamente com quem está lidando.

Mamãe: É mesmo. Desculpe. A senhora fique à vontade. Não quer tirar o vestido?

Barker: Eu não me incomodo de tirar o vestido. Com licença. (tira o vestido)

Mamãe: Isto!! Agora deve sentir-se bem melhor.

Barker: Bem - o que eu sei é que tenho um melhor aspecto.

Papai: Logo vou corar e cair na gargalhada!

Barker: (puxando a bainha da sua combinação até acima dos joelhos) Que sorte sua, ter um marido assim!

Mamãe: Sorte mesmo. Acha que não sei!

Papai: É. Corei, dei uma gargalhada e me molhei todo.

Mamãe: Meu papai é um finório. Não acha, Mrs. Barker?

Barker: Que tal, se fumasse um cigarro?

Mamãe: Oh, isso não é necessário.

Barker: Não me incomodo absolutamente por fumar.

Mamãe: Não. Não fume. Não fume mesmo!

Barker: Mas, eu disse que não me incomodo por fumar...

Mamãe: Não se fuma em minha casa. Pronto! A senhora, cuja profissão consiste em servir de exemplo às mulheres...

Papai: A vovó bebe e fuma. Não é, vovó?

Vovó: Não.

Mamãe: Bem, deixemos isto de lado. Que tal, Mrs. Barker, se a senhora nos contasse por que razão veiu à nossa casa?

Vovó: (enquanto mamãe anda no meio das caixas) As caixas... As caixas...

Mamãe: Não enche, vovó. Quieta!

Papai: Quê disse, vovó?

Vovó: (enquanto mamãe pisa em cima de várias caixas) Que diabo! As caixas!!!

Barker: Caixas, ela disse. Ela mencionou as caixas.

Papai: O quê há com as caixas, vovó? Quem sabe, Mrs. Barker veiu por causa das caixas, por causa dos embrulhos. É isso que você quer dizer?

Vovó: Não sei se ia dizer isto, ou não. Em todo caso, não pensei que fôsse exatamente isso o que pretendí dizer.

Papai: A vovó é de opinião que...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.64

Barker: Podemos presumir que os embrulhos sejam para nós? Quero dizer: podemos presumir que estão recebendo caixas diariamente?

Papai: Excelente pergunta!

Barker: Bem, isto depende do motivo que nos trouxe aqui. Estou sempre lidando com estes pasteizinhos, sabem. Lembro-me, por exemplo de uma de minhas humildes e pequenas atividades em que costumamos ganhar cestos; num sentido mais simbólico, naturalmente. No entanto, em circunstâncias especiais, podíamos considerar a possibilidade de aceitar tambem caixas, quaisquer embrulhos. Receio não lhes poder dar uma resposta melhor do que esta.

Papai: Resposta muito interessante.

Barker: Não é mesmo? Mas será que nos ajudará?

Mamãe: Receio que não.

Papai: Quem sabe, ajuda se lhe digo que me sinto mal. Sinto náuseas e dôres.

Mamãe: Onde, papai?

Papai: Bem - especialmente aqui! No lugar exato onde se encontravam os pontos.

Mamãe: Papai sofreu uma operação delicada, sabe!

Barker: Oh! Pobre papai! Não sabia. Aliás, como poderia saber?

Vovó: Podia ter perguntado. Isso não teria ferido as suas susceti-bilidades!

Mamãe: Cale a boca, vovó!

Vovó: Gente velha...

Mamãe: Gente velha... gente velha... Cada palavra que se fala é "gente velha..."

Vovó: Até que enfim você mostra sua verdadeira cara! Ainda não me acha ressecada demais, me parece. As roupas pendem desleixadas do meu corpo como sacos vazios, minhas glândulas lacrimais tornaram-se gânglios duros, minha espinha dorsal virou chiclete! Respiro gêlo! Mas, nunca me queixo. Ninguem ouve gente velha queixar-se, porque todo mundo pensa que gente velha não faz outra coisa senão queixar-se. Porque fizeram da gente velha uma caricata de queixa com duas pernas. (interrompendo-se, como para anunciar o fim de uma irradiação de rádio) FIM!

Barker: O quê foi que tinha, papai?

Papai: Pois é, sabe como é. Os médicos tiraram fora uma coisa que estava lá e puseram uma outra coisa que lá não estava. Uma operação.

Barker: Teve sorte - se posso me permitir de assim dizer...

Mamãe: Oh! Se teve! O papai sabe muito bem disso. A vida toda êle desejou ardentemente chegar a senador dos Estados Unidos mas agora, agora mudou de opinião, e, para o resto da vida êle vai desejar ser governador. Seria mais perto de casa, sabe!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-65

Barker: Tem sorte, papai. Sorte mesmo!

Papai: Sim. Realmente. Exceto quanto aos achaques que estão me atormentando... atormentando MESMO.

Barker: Isso vai passar. Tenho certeza que sim. É preciso só ter um pouquinho de peciência. Gostaria de compará-lo a uma casa velha...

Mamãe: Que palavras bonitas! Papai, precisa agradecer Mrs. Barker!

Papai: Obrigado. Muito obrigado!

Barker: Ambição. Tudo depende de ambição na vida. Tenho um irmão que se parece muito com você, papai. A mesma ambição! Êle é bem mais novo do que você. Êle é até mais novo do que eu... se isto fôr possivel! Êle dirige um pequeno jornal. Um jornaleco sem grande importância... mas êle o dirige.

Barker: (cont.) Êle é o chefe e, ao mesmo tempo o empregado para todo o serviço. Tudo isso reunido numa só pessôa. Êle chama o seu jornal de: O IMBECIL DA ALDEIA. Vocês não podem imaginar quanto senso de humor êle tem. É capaz de fazer tanta autocrítica, é tão modesto, ainda que nunca o admita. O Jornal não poderia existir sem êle - êle sòzinho é O IMBECIL DA ALDEIA.

Mamãe: Fabuloso! Não acha tambem, papai?

Papai: É. Fabuloso.

Barker: Meu irmão é uma pessôa extremamente afetuosa, e êle tem uma mulherzinha carinhosa, a quem ama muito... excessivamente. Êle a ama tanto que não sabe pronunciar nem uma frase sem mencioná-la. Êle quer que todo mundo saïba que é casado. Francamente, neste ponto êle é ultra-meticuloso. Se está sendo apresentado a alguem, em vez de sòmente dizer: "Muito prazer", êle não pode deixar de acrescentar: "É claro que sou casado!" Para mim êle é o símbolo do amor conjugal desta terra; ao ponto de ter saido mencionado frequentemente com palavras elogiosas em revistas especializadas em psiquiatria.

Papai: Não me diga!

Mamãe: Maravilhoso!

Barker: Não é? Existe neste país ódio demais pelas mulheres. Isto é um fato irrefutável!

Vovó: Oh! Não ia dizer exatamente isso.

Mamãe: Fabuloso. Não acha tambem, papai?

Papai: Sim. Fabuloso.

Vovó: Caso alguem esteja interessado...

Mamãe: Quieta, vovó.

Vovó: Bobagem.

Mamãe: Por favor, Mrs. Barker, não leve a mal o que a vovó fala. Ela é caipira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-66

Barker: Não quer dizer nada.

Papai: Quem sabe, a vovó tem alguma coisa em mente - pretende dizer algo...

Mamãe: Bobagem! Gente velha não tem nunca nada a dizer. E, caso gente velha tivesse algo a dizer, ninguem prestaria atenção. (para vovó) Viu? Eu sei falar tambem a sua linguagem!

Vovó: A técnica você pegou, mas não o conteúdo. Além disso, você não pertence à esta categoria de gente velha; você é sòmente de meia idade.

Mamãe. Bondade sua.

Vovó: Preste atenção. Vou lhe explicar como funciona; gente de meia idade acredita ser capaz de fazer tudo. Mas na verdade gente de meia idade não é capaz de fazer a maioria das coisas tão bem como as fizeram quando mais jovens. Gente de meia idade acredita-se o máximo, mas é justamente neste ponto onde se enganam. Pois são iguais a todo mundo. Vivemos numa idade de confusão de idéias.

Vovó: (cont.) Técnica e conteúdo. Com o passar do tempo você vai aprender estas coisas.

Papai: Quem me dera não estar rodeado sòmente de mulheres. Desejaria ter homems à minha volta!

Barker: Compreendo tão bem os seus sentimentos!

Vovó: Quase que não conto mais como mulher. Será que posso dar a minha opinião?

Mamãe: Vamos então! Fale! Desembuche!

Vovó: É muito simples. Para começar, as caixas não têm nada a ver com a visita desta admirável senhora. Se, de fato, vocês querem saber os motivos pelos quais estas caixas estão aqui...

Papai: Tem toda a razão, vovó. Mas o que isto tem que ver com... quer me desculpar, qual é a sua graça mesmo?

Barker: Senhora Barker.

Papai: Isto mesmo. O que isto tem que ver com... seu nome, por favor?

Barker: Senhora Barker.

Papai: Isto mesmo. O quê isto tem que ver com a presença da Senhora "qual é o seu nome"?

Mamãe: Êles vieram porque os convidamos.

Barker: É. Eis porque estamos aqui.

Vovó: E, se vocês estão interessados em saber porque estas caixas estão aqui...

Mamãe: Ninguem está interessado nesta trouxa!

Vovó: Sua atrevida! Sua sem vergonha!

Papai: Vocês duas devem parar de brigar.

Mamãe: Eu não brigo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p-67

Papai: Precisam parar. É só isto...

Mamãe: Por que não chama o asilo, afim de que a mandem buscar?

Vovó: Não precisam se dar ao trabalho... Não é necessário... Já vou...

Papai: Não. Quem sabe eu devia ir embora...

Mamãe: Alguma coisa deve acontecer. Assim, como está, é insuportável. Em primeiro lugar, o apartamento está repleto. Não temos bastante lugar! (para vovó) É você que ocupa todos os lugares com suas bombas de clister e seu cachorro pequinês, e só Deus sabe o que mais... e agora ainda todas estas caixas!!!

Vovó: Estas caixas...

Barker: Nunca na vida ouví falar de bombas de clister...

Vovó: O que ela quer dizer é: seringas de clister. Só que ela não conhece a diferença. A mamãe teve uma educação muito deficiente, pois descende de gente extremamente primitiva. E, além disso, quando a mamãe nasceu... bem, foi um parto extremamente dificil. A cabeça dela tinha forma de banana.

Mamãe: Oh, sua ingrata! Pai?! Para você ver como ela é ingrata, após tudo que lhe fizemos! (para vovó) Num dia destes vamos interná-la num asilo! Você vai ver!

Vovó: Não me diga!

Barker: Forma de banana?

Vovó: Isso mesmo. Exatamente. Forma de banana.

Barker: Puxa vida!

Mamãe: Não preste atenção no que ela fala. É tudo mentira. Ela nem sabe o que está tagarelando. Não faz muito tempo - pensando bem, foi ontem à noite, ela chamou o papai de ouriço velho.

Barker: Não é possivel.

Vovó: Bravo, menina. Você me defende!

Mamãe: Não sei onde ela aprendeu tais expressões. Provavelmente desta ridícula televisão!

Barker: É verdade que o chamou de ouriço velho?

Vovó: Ora, ora, què importância tem se o chamei ou não de ouriço?

Papai: A vovó tem razão. Deixe-a em paz!

Mamãe: (ao papai) Como pode atrever-se a falar deste jeito?

Vovó: Deixe ela, papai. Esta boba tem uma telha de menos.

Mamãe: Não lhe disse? Ela aprendeu tudo isso nestes espetáculos de televisão. Papai, vá imediatamente ao quarto da vovó e retire as cânulas do aparelho dela.

Papai: Não me fale em cânulas. O que você quer dizer é tubos!

Mamãe: Oh! Mamãe esqueceu. (a Mrs. Barker) Sabe, papai tem cânulas agora no lugar onde, antes, existiam membros naturais...

Papai: O resto é desnecessário!

Barker: É verdade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-68

Vovó: Eu sei porque esta querida senhora veiu aqui.

Mamãe: Quieta!

Barker: Por favor! Diga-me!

Mamãe: Não, não! Não seria decente!

Papai: Além disso, ela não o ignora. Está aqui porque a chamamos.

Barker: Ué! Mas mesmo assim ando às apalpadelas. Claro, que sei estar aqui por terem-nos chamado. Mas sou u'a moça tão ocupada... reuniões pra cá, reuniões pra lá, todas estas atividades caritativas, mais as minhas obrigações na Liga dos Cidadães Leais.

Mamãe: Meu Deus! É a isso que chamo de uma criatura eficiente.

Barker: Não é? Por esta razão peço-lhes o grande favor de me ajudar um pouquinho.

Mamãe: Não, não. Acho que a senhora está enganada. Não posso acreditar que exigimos a sua presença aqui para dar-lhe alguma ajuda. De jeito nenhum. Com os impostos elevados de hoje em dia e a vida quotidiana que não satisfaz a ninguem!... A senhora deve estar redondamente enganada.

Papai: Isto mesmo. Por quê a senhora não requer uma bolsa de Estudos se está precisando tanto de ajuda?

Mamãe: E, se isto não adianta, por quê não se inscreve num concurso?...

Vovó: E, por quê não tentar a sorte, esforçando-se por merecer o Prêmio Nobel!!! (baixo para mamãe e papai) Monstros!

Barker: Oh, que família mais alegre! Sempre disposta para as brincadeiras. Mas, deixem-me pensar. Ultimamente estou sobrecarregada de serviço até as orelhas. Só pensando na Liga Feminina de Assistência em casos de ataques aéreos... Por falar nisso... qual é seu ponto de vista em relação a ataques aéreos?

Mamãe: Hostil. Absolutamente hostil.

Papai: Isso mesmo. Absolutamente hostil.

Barker: Pelo que vejo, não podem ajudar-me nisto. Aliás, existe hostilidade demais por este mundo afora. Não quero com isto, atormentá-los. Não sou maçante. Além disso, existem maçantes em demasia.

Vovó: Já que falamos nisso: Começam a perseguir os velhos também. O Departamento de Agricultura - ou, quem sabe, não era o Departamento de Agricultura - de qualquer jeito um Departamento chefiado por uma moça, elaborou estatísticas comprovando que noventa por cento da população adulta do país atinge a idade de oitenta anos... ou oitenta por cento a idade de noventa...

Mamãe: Nossa Senhora, que mentirosa você é! Não acabou de afirmar que todo mundo é de meia idade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.69

Vovó: Estou sòmente repetindo o que o governo diz. Isso não tem nada que ver com o que eu...

Mamãe: Eu não disse? A televisão é culpada de tudo isso. Papai, vá ao quarto dela e quebre a televisão.

Vovó: Ha, ha! Não vai achá-la.

Papai: (levantando-se com dificuldade) Bem, se não há outro jeito.

Mamãe: E não pise em cima do pequinês. Êle é cego.

Papai: Êle é cego, mas eu não! (sai pelo arco)

Vovó: Não vai achá-lo tampouco.

Mamãe: Eu não sou uma felizarda por ter arranjado um tal marido? Imagine a senhora, eu podia ter achado um que fosse pobre ou brigão, ou um que passasse o dia inteiro numa cadeira de rodas... OH MEU DEUS! O quê eu disse? O que foi que eu disse meu Deus!

Vovó: Você disse que podia ter arranjado um marido que passasse sentado o dia todo numa cadeira de rodas...

Mamãe: Oh! estou mortificada. Gostaria de morrer! Gostaria de cortar a língua... Gostaria...

Barker: (esforçando-se por dar uma risadinha) Não fique tão aflita... não quer dizer nada...

Mamãe: Gostaria... ora, gostaria...

Barker: Não se preocupe! Não pense mais nisso... Por favor!

Mamãe: A senhora tem razão. Eu simplesmente não pensarei mais nisto, e assim esquecerei que falei tal coisa e tudo ficará O. K. (pausa) ISSO! Já esquecí... E agora que papai foi lá fora, vamos ter um pouco de conversa fiada...

Barker: Não sei, não...

Mamãe: Adoro uma pequena conversa fiada... a senhora não?

Barker: Eu ia perguntar-lhe se não podia arranjar-me um copo de água. Sinto-me um pouco tonta.

Mamãe: Vovó, vá buscar um copo d'água para Mrs. Barker.

Vovó: Vá você. Eu dispenso.

Mamãe: A vovó ADORA dar uma ajudazinha aqui e alí no serviço de casa, sabe. Isso lhe dá um certo sentimento de segurança. Aliás falso.

Vovó: Eu dispenso. Chega!

Mamãe: Ora, ora, seja uma vovó boazinha! Hm? Senão, você sabe, o que vai acontecer! O asilo!!!

Vovó: Você não me põe medo não! Sou velha demais para tais coisas! Além disso...

Mamãe: Incrivel! Bem, trataremos disso mais tarde! Espere aí... esconderia sua dentadura... eu...

Vovó: Não se incomode. Já está tudo escondido.

Barker: Vou desmaiar. Vou mesmo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.70

Mamãe: Santo Deus! Então vou eu mesma. (enquanto sai pelo arco, à vovó) Nós duas vamos ainda ajustar as contas. Você vai ver! (sai)

Vovó: Vá para o inferno. (à Mrs. Barker) Como se sente, meu bem?

Barker: Um pouquinho melhor... sim, bem melhor! Obrigada, vovó!

Vovó: Ótimo!

Barker: Porêm, sinto-me tão perdida... não sabendo porque estou aqui... e, além de tudo, êles dizem que já estive aqui antes...

Vovó: Sabe de uma coisa? É certo. Você já esteve aqui. Quer dizer, neste apartamento não, mudamos uma porção de vezes, de um apartamento para outro, na escala social de cima para baixo, como ratos, caso você goste de comparações.

Barker: Não, não gosto de comparações.

Vovó: Desculpe-me então.

Barker: (repentinamente) Vovó, tenho a impressão de que posso confiar na senhora.

Vovó: Se fosse você, não ia confiar demais. A nossa divisa aqui é: Cada um por si, Deus por todos!

Barker: É assim? Todavia, tenho à absoluta impressão de poder confiar na senhora. POR FAVOR, diga-me, por favor, qual foi a razão porque nos chamaram para vir aqui? Imploro-lhe que me diga isto!

Vovó: Meus Deus, isto faz um bem! Há quanto tempo ninguem me fazia um pedido com tamanha insistência. Suplique mais um pouco.

Barker: Podia ter imaginado essa resposta. Tal filha, tal mãe.

Vovó: Não foi minha intenção ser grosseira. Se não quizer implorar, então pelo menos peça, rogue, solicite, suplique, qualquer coisa que lhe venha na bola!

Barker: A senhora é uma mulher terrivel!

Vovó: Qualquer dia você me compreenderá. Por favor!

Barker: Oh, meu Deus! Que seja, então. Imploro, suplico, peço de joelhos...

Vovó: De joelhos... Quantos anos faz que não ouço palavras tão lindas... Você é uma mulher querida, encantadora. Voeê me implora, de joelhos. A isto eu não posso resistir.

Barker: Por favor, diga-me agora por quê êles nos chamaram.

Vovó: Pois bem. Aí vai meu palpite. Mais não posso fazer por você. Não passo de uma velha confusa. Preste bem atenção. É importante. - Era uma vez, não faz <u>muito</u> tempo, embora <u>bastante</u> tempo... faz mais ou menos vinte anos, era uma vez um homem, muito parecido com o papai, e uma mulher muito parecida com a mamãe. Os dois eram casados, da mesma forma como

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 71

mamãe e papai estão casados. E êles moravam num apartamento muito parecido com este aqui. Uma velha estava morando com êles, muito parecida com a minha insignificância, sòmente que mais moça, pois já se passaram alguns anos. Em suma, todos eram mais moços.

BARKER: Que história excitante!

Vovó: Naquele tempo existia uma senhora amável, naturalmente mais moça também, que se excedeu em toda espécie de atividades de benifiência. E, uma destas atividades beneficientes daquela senhora amável, consistia no fato dela pôr as suas capacidades voluntárias à disposição de uma organização, muito parecida com uma agência de adoção que se encontra alí na esquina, a Agência "Adeus", chefiada por uma senhora de idade, terrivelmente surda e muito parecida com miss "Adeus" que dirige a agência de adoção "Adeus" na esquina.

Barker: Que interessante!

Vovó: Bem, seja como fôr, um belo dia, aquele homem que se parecia muito com papai e aquela mulher que se parecia muito com mamãe foram procurar aquela senhora amável que exerceu tantas atividades beneficientes, que se parecia muito com você, meu bem... e êles estavam muito tristes e ao mesmo tempo esperançosos, e êles choravam e riam e roiam as unhas, tão embaraçados estavam, e êles contaram à senhora amável as coisas mais íntimas.

Barker: Que fascinante! Quê foi que disseram?

Vovó: Oh, era muito engraçado. A mulher muito parecida com a mamãe disse que ela e o homem muito parecido com o papai nunca tinham sido abençoados com qualquer coisa como um fardo de alegria...

Barker: Abençoados com que???

Vovó: Um fardo. Um pequeno fardo de alegria.

Barker: Ah! A senhora quer dizer: um embrulho!

Vovó: É. Sim. Fardo, embrulho, quê diferença faz? Em todo caso foi assim: a mulher parecida com mamãe disse que desejava tanto um fardo próprio e que o homem muito parecido com papai não era capaz de proporcionar-lhe tal fardo. O homem muito parecido com papai disse: Isto mesmo, sempre desejavam um fardo que seria dêles, mas que a mulher muito parecida com mamãe não podia ter um, e assim sendo, êles tinham decidido comprar algo como um tal fardo.

Barker: Deslumbrante!

Vovó: Não é? E a senhora amável muito parecida com você disse alguma coisa como: "Que pena! Mas, acalmem-se, acho que tenho justamente o fardo certo para vocês". Ou será que ela disse: "embrulho"?? Bem, seja como fôr, a mulher muito pareci

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 72

Vovó: (Cont.) da com a mamãe e o homem muito parecido com o papai choravam e riam e roeram as unhas de tão excitados que ficaram, e contaram à senhora muito parecida com você coisas mais íntimas ainda, coisas absolutamente sem importância, porêm mais indecentes. E a senhora amável tão parecida com você e que tinha uma pequena tendência para pornografia, escutou com entusiasmo e caiu numa espécie de êxtase. Oba! ela disse. Puxa vida!! Mas isso não tem nada com a história.

Barker: Acho também. Porêm, que emocionante!

Vovó: Seja como fôr, êles acabaram por comprar seu fardo ou coisa parecida e levaram-no para casa. Mas, as coisas não sairam tão bem como tinham imaginado.

Barker: Surgiram dificuldades?

Vovó: Isto mesmo. (lança um olhar em direção ao arco) Tenho de apressar-me agora. Acho que logo vou sair daqui.

Barker: Devèras?

Vovó: Sim.

Barker: Os velhos não vão à parte nenhuma. Estão sendo levados para um determinado lugar, ou colocados num determinado lugar.

Barker: É. E daí?

Vovó: Bem, em primeiro lugar verificou-se que o fardo não se parecia com nenhum dos pais. Isso já era bastante ruim, mas as coisas pioravam. Uma bela noite êle gritou de tal maneira que se podia ouví-lo de longe...

Barker: Gritou de tal maneira...

Vovó: Isso foi sòmente o começo. Com o decorrer do tempo verificou-se que êle demonstrava sòmente simpatia pelo papai.

Barker: Pelo papai? Bem, tôda mulher com auto-respeito arrancaria os olhos da cara dêle!

Vovó: Foi justamente o que ela fez. Mas depois, êle se tornou arrogante.

Barker: Tttt! Que nojento!

Vovó: Isso também êles acharam. Mas não é tudo. Depois êle começou a se interessar pelo seu "já-sabe-o-que".

Barker: Não me diga! Pelo seu "já-sabe-o-que"? Oxalá tenham êles lhe cortado as mãos.

Vovó: Cortaram, sim, mais tarde. Mas, primeiro cortaram seu "já-sabe-o-que".

Barker: Ótima idéia!

Vovó: Também acharam. Mas aconteceu que, após terem cortado o seu "já-sabe-o-que", êle continuo pondo as mãos em baixo dos cobertores, procurando seu "já-sabe-o-que". Êles tiveram finalmente que cortar-lhe as mãos.

Barker: Claro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 73

Vovó: Porém, o pequeno fardo se ofendeu fàcilmente. Imagine, um dia êle xingou a mamãe, dizendo nomes feios.

Barker: Bem, espero que lhe tenham arrancado a língua.

Vovó: Naturalmente. E depois, à medida que crescia, tornou-se evidente uma porção de coisas terríveis. Por exemplo: não tinha cabeça nos ombros, faltavam-lhe os intestinos e a espinha dorsal, seus pés eram de barro... enfim, coisas horríveis.

Barker: Horrivel!

Vovó: Ficaram mais que desanimados, pode imaginar.

Barker: Evidentemente. E depois? O quê fizeram depois?

Vovó: O quê fizeram depois? A última gota, aquela que fez transbordar o cópo foi que um belo dia êle se deitou e morreu. Pode imaginar como êles ficaram sentidos. Tanto sacrifício e tanto dinheiro perdido. Consternados, chamaram a senhora que lhes vendera o fardo, e pediram que viesse imediatamente para o apartamento. Queriam tomar satisfação. Queriam seu dinheiro de volta. Isso mesmo. Queriam o dinheiro de volta.

Barker: Ah, meu Deus!

Vovó: Está frita, hm?

Barker: Ah, meu Deus!

Papai: (nos bastidores) Mamãe, não acho a televisão da vovó. Nem o pequinês.

Mamãe: (nos bastidores) Engraçado. Não acho água.

Vovó: He, he, he! Não disse que tudo estava escondido?

Barker: Escondeu também a água?

Vovó: (confusa) Não. A água não.

Papai: (nos bastidores) Se você quer saber a verdade... nem acho o quarto da vovó.

Vovó: He,he, he!

Barker: Minha Nossa Senhora, escondeu TUDO mesmo. Não é assim?

Vovó: Claro, meu bem. Claro.

Mamãe: (pondo a cabeça pela porta) O quê você me diz, vovó? O papai não consegue achar sua televisão, nem o pequinês, e, para falar a verdade, nem encontrou o seu quarto.

Vovó: Não lhe disse que escondí tudo?

Mamãe: Bobagem, vovó. Já vou aí e você vai ver. Você é um desmancha-prazeres. Isto é que você é.

Vovó: Não fique nervosa, menina. Logo não estarei mais aqui.

Mamãe: Agora você fala a verdade. Há quanto tempo o papai quer internar você num asilo e foi sòmente eu quem o impediu. Mas agora fique sabendo de uma coisa. Estou farta dessas brigas o tempo todo. Agora vou fazer a vontade dêle. Agora você vai ver! O seu tempo chegou. Você estará no asilo, sem dar por

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p. 74 - 23 -

Mamãe: (Cont.) isso. Direi ao papai para chamar imediatamente o homem do asilo.

Vovó: Já tomei a dianteira.

Mamãe: Onde já se viu uma velha tão convencida? Você não tem compreensão acerca de sua situação.

Vovó: Por quê pergunta, se já conhece a resposta?

Mamãe: Mrs. Barker, por favor venha até a cozinha para tomar seu cópo de água. Aqui não é possivel, com a vovó incomodando a todo instante, - e além disso...

Barker: Não vejo o que a vovó tem com isso. E, francamente, não acho você muito delicada.

Mamãe: Parece que está esquecendo que é hóspede nesta casa...

Vovó: Apartamento.

Mamãe: Apartamento... e que você é uma mulher profissional. Agora, se quiser ter a gentileza e ir comigo até a cozinha, ficarei muito contente por poder mostrar-lhe onde se encontra a água e onde se encontra o cópo... e depois saberá explicar tudo isso, se é que tem bastante inteligência para contar até quatro. (ela desaparece)

Barker: (após um momento de meditação) Acho que ela tem razão.

Vovó: Bem, para você ver no que resulta ir à casa dos outros, quando a chamam por telefone, no intuito de fazer-lhes um favor.

Barker: Provavelmente a senhora também tem razão. Bem, vovó, foi um prazer conversar com a senhora.

Vovó: O prazer foi meu de escutar aquilo que você contou. Aliás, é melhor não contar à mamãe e papai que eu lhe dei um palpite.

Barker: Ai, meu Deus, o palpite! Quase me esqueci. Não, não. Pode ficar descansada, não direi palavra.

Vovó: Não sei se ajudou em alguma coisa...

Barker: Não sei dizer ainda. Tenho que, como direi, tenho que relacionar tudo, é isso mesmo, esta é a palavra certa, tenho que pôr certas coisas em relação ao que disse, certas coisas que eu sei, para poder tirar conclusões... O que tenho a fazer em primeiro lugar é: examinar se existe tal relação. Afinal eu sou ajudante voluntária numa agência de adoção, mas essa agência não é parecida com a agência "Adeus" porque ela é a Agência "Adeus". E, embora eu esteja lembrada que mamãe e papai me procuraram, faz... oh, vinte anos, para comprar um fardo, não consigo me lembrar se alguem me procurou para tal fim, parecido com mamãe e papai. Compreende? É um problema complicado. Tenho de pensar bem sobre isso, ponderar, meditar... De qualquer maneira, a senhora é a tal, querendo ajudar-me. Irei tomar um góle de água na cozinha. Será que a senhora ainda estará aqui quando eu voltar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-75

Vovó: Provavelmente. Não sou mais tão ligeira como antigamente.

Barker: Muito bem, então. Nesse caso não me despedirei aida da senhora.

Vovó: Não. Não é preciso. (Mrs. Barker sai pelo arco) Êles não querem se despedir dos velhos, porque não querem meter medo nêles. Oh, meu Deus, se soubessem como é ridículo quando dizem: "Como vai? Forte? Você está com ótima aparência, etc"... não diriam nada disso. A verdade é que se pode dizer bem poucas coisas para os velhos que não sejam simplesmente terríveis. (tocam a campainha) Entre!

(O JOVEM entra. Vovó olha para êle de cima para baixo.)
Ôba! Aí vem uma brisa refrescante!

Jovem: Olá.

Vovó: Cruzes! Você é o homem do asilo?

Jovem: O homem do quê?

Vovó: O homem do asilo, do asilo. Você veiu para me buscar?

Jovem: Não sei de quê está falando.

Vovó: Oh! Bem. (pausa) Você é formidável, não é? O Tal! Hm?

Jovem: Heim?

Vovó: Eu disse: Você é craque, maravilhoso.

Jovem: Oh, obrigado.

Vovó: Você não parece muito entusiasmado com o meu elogio.

Jovem: Oh, é que estou... que estou acostumado...

Vovó: Sabe de uma coisa? Se estivesse mais ou menos canto e cinquenta anos mais moça, ia namorar você!

Jovem: Posso imaginar!

Vovó: Puxa vida, olhe esses músculos!

Jovem: (movimentando os músculos) Bem bons, não é mesmo?

Vovó: Olhe só? Será que tudo isso é natural?

Jovem: Bem, a estrutura básica existe, mas também dei a minha contribuição. Treinando box, sabe!

Vovó: Tenho certeza disso. Você deveria estar no cinema, rapaz!

Jovem: Sei disso.

Vovó: Diretamente na tela. Sim. Suponho que muitos já lhe disseram isso, não é?

Jovem: É.

Vovó: Você deveria tentar trabalhar num filme, sabe?

Jovem: De fato acho que tenho uma carreira pela frente. Passei quase toda a minha vida na Califórnia e conhecí lá alguma gente que... que podia me fazer progredir. De resto, não tenho muita pressa. Sou quase tão jovem quanto pareço.

Vovó: Esplêndido! E seu rosto, rapaz! Que rosto!

Jovem: É. Não é feio. Não? Franco, limpo, tipo do jovem do campo, no Médio Oeste, de uma beleza quase provocante, com maneiras tipicamente americanas. Perfil bom, nariz arrebitado, o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0107, p.76

Jovem: (Cont.) lhar honesto, sorriso encantador...

Vovó: (qualquer termo de exclamação) Sabe o que é, rapaz? Você é o SONHO AMERICANO.

Jovem: Obrigado.

Mamãe: (nos bastidores) Quem tocou a campainha?

Vovó: (gritando para dentro) O Sonho Americano!

Mamãe: (fóra) O quê? Quê você diz?

Vovó: (gritando) O Sonho Americano! O Sonho Americano, diabo!

Papai: (fóra) O quê ela está dizendo, mamãe?

Mamãe: (fóra) Qualquer bobágem. Não preste atenção. Achou o quarto da vovó?

Papai: (fóra) Não. Não consigo nem achar Mrs. Barker!

Jovem: Diga-me! O quê significa tudo isso?

Vovó: Não é nada. A querida família sòmente. Mas, para quê falar dela? É cem vezes mais interessante falar de você, meu amor!

Jovem: Às ordens.

Vovó: Vamos lá, então. Você diz que não é o homem do asilo. O quê está fazendo aqui?

Jovem: Procuro serviço.

Vovó: Oh! Quê espécie de serviço?

Jovem: Oh, para mim tanto faz... qualquer um... qualquer trabalho que renda. Faço quase tudo por dinheiro.

Vovó: É assim? Hm? Bem, estou me perguntando se teria serviço para você aqui...

Jovem: Por quê não? Podia ser, não é? De fóra, o prédio me parecia adequado...

Vovó: Para mim pareceu sempre um prédio absolutamente inadequado, suponho porém que você entenda disso melhor do que eu.

Jovem: Eu sinto essas coisas.

Vovó: Quem sabe haja alguma coisa que você possa fazer por aqui. Fique lá! Não se aproxime de mim!

Jovem: Desculpe.

Vovó: Não quero dizer que ia me importar. Nem sei se ia me importar ou não. Mas, não ia ficar bem. Ficaria feio, até!

Jovem: Acho que tem razão.

Vovó: Então, fique aí e deixe-me pensar. Quê espécie de serviço você poderia fazer aqui?! A querida família encontra-se num certo embaraço, num certo dilema... e eu estou me perguntando se você não poderia ser útil!

Jovem: Por quê não, se dá dinheiro! Aliás, a senhora tem algum dinheiro?

Vovó: Dinheiro? Nesta casa a gente tem mais dinheiro do que você pode gastar.

Jovem: Será?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 77

Vovó: Bem, quem sabe não seja tanto. Além disso, tenho dinheiro próprio.

Jovem: Verdade?

Vovó: Verdade. Sabe, acontece muitas vezes que os velhos tem uma porção de dinheiro. Bem mais do que os outros pensam. Aproxime-se um pouco, para que eu possa segredar para você..., mas não perto demais, senão poderia desmaiar.

Jovem: Oh, perdão.

Vovó: Está bem, está bem. Preste atenção. Já ouviu falar da grande competição de fazer bolos? Onde todas as mulheres se encontram num celeiro grande num campeonato de fazer bolos?

Jovem: Não. Acho que não...

Vovó: Não se aproxime demais! Em suma, não tem importância se você já ouviu falar daquela competição, ou não. O importante é, e não quero que alguem saiba disso, porque a querida familia pensa que eu não saí de casa durante oito anos, bem, o importante é que este ano ganhei o primeiro prêmio naquele campeonato de fazer bolos. Oh, os jornais deram tudo direitinho... naturalmente não com meu nome verdadeiro. Usei um "nom de boulangère": TIO HENRIQUE.

Jovem: Não me diga!

Vovó: E, por quê não? Eu podia ser, do mesmo modo, um velho como uma velha. E, sabe como chamei o bolo que me valeu o prêmio?

Jovem: Não. Como o chamou?

Vovó: "Bolo de ontem" de TIO HENRIQUE.

Jovem: Bonito nome.

Vovó: É. E tudo isso não deu trabalho nenhum. Sabe como fiz? Comprei um bolo na confeitaria, deixei êle guardado por aí, e depois passei o bolo secretamente nas mãos dos membros do juri. Ninguem notou nada. Foi muitíssimo simples.

Jovem: Puxa, a senhora é sabida! Não é?

Vovó: Raça de pioneiros, sabe!

Jovem: Não leve a mal, mas a senhora não vai querer que eu acredite em tudo isso!

Vovó: Tanto faz para mim se você acredita ou não. O que vale para mim é que ganhei vinte e cinco mangos com o "Bolo de ontem" de TIO HENRIQUE.

Jovem: Vinte e cinco mil...!!!

Vovó: Até o último vintêm! O quê você me diz agora?

Jovem: Legal!

Vovó: Sabia que você ficaria impressionado.

Jovem: Dinheiro é o melhor modo de entendimento.

Vovó: He! Você me parece conhecido!

Jovem: Como disse?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p-78

Vovó: Disse que você me parece conhecido.

Jovem: É bem possivel. Eu fui manequim durante algum tempo.

Vovó: Não. Não é isso. Você me lembra alguém.

Jovem: Bem. Sou um tipo...

Vovó: Se é! Escute! Porque disse que faria TUDO por dinheiro... Não tome a mal se lhe espremo um pouco, não é?

Jovem: Não, não. Faz parte da entrevista. Não me incomodo absolutamente de contar-lhe tudo. Sabe como é, eu não tenho talento algum, com exceção do que está vendo: minha pessôa, meu corpo, meu rosto; de resto, estou incompleto, e, bem por isso tenho que, como direi, que compensar.

Vovó: O quê você quer dizer com "incompleto"?! Você me parece bastante completo!

Jovem: Parece-me que posso ter confiança na senhora e explicar tudo. Em parte porque a senhora é tão velha. Gente muito velha sabe guardar segredos, porque se os revelam aos outros, bem, a senhora sabe melhor do que eu o que significa o ridículo e a indiferença.

Vovó: Sei, filho, sei.

Jovem: Escute então. Minha mãe morreu na noite em quecnascí.Nunca conhecí meu pai. É bem possivel que minha mãe tampouco o conhecia. Porém, não era sòzinho, alguém estava deitado ao meu lado na plascenta, meu irmão, meu irmão gêmeo.

Vovó: Oh, continue, filho!

Jovem: Éramos gêmeos homozigóticos... êle e eu... não fraternais, mas idênticos. Éramos do mesmo óvulo, E assim, sendo gêmeos do mesmo óvulo e não de óvulo diferente, existia entre nós uma semelhança tão grande que a senhora não pode imaginas. Um sentia o outro respirar... O coração dêle pulsando nas minhas fontes e vice-versa... os nossos estômagos doiam ao mesmo tempo e ao mesmo tempo chorávamos, pedindo alimento. Tem bastante idade para compreender?

Vovó: Acho que sim, filho. Acho que tenho quase a idade para compreender você.

Jovem: Tomara. Acontece que nos separaram muito pequenos, meu irmão, meu gêmeo, de mim, até o ponto em que se pode falar de separação de um sêr. Fômos separados à força, jogados em cantos opostos do continente. Não sei o que aconteceu com meu irmão, meu outro EGO... sei sòmente que com o passar dos anos, com algumas interrupções, sofrí perdas, para as quais não tenho explicações. Eu caí no pecado... perdí minha inocência, perdas e mais perdas. Como devo explicar! Quem sabe, assim: Um dia comecei a me sentir mal, foi como se meu coração parasse, como se fôsse arrancado do meu corpo, e, a partir daquele momento fiquei impossibilitado de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.79

Jovem: (Cont.) amar. Certa vez, estava dormindo, acordei e os meus olhos arderam... e, desde aquela época fiquei impossibilitado de contemplar seja o que fôr, nem com compaixão, nem com afeição. A única coisa que sinto, é a indiferença fria. Não sou mais homem. Até minha virilidade, um dia sentí uma dor imensa, e a partir daquele momento não posso mais amar com meu corpo. Até minhas mãos, não sei mais tocar uma outra pessôa e sentir o amor. E tem mais, mais perdas, perdí a capacidade de sentir seja o que fôr. Tôdas as minhas emoções se extinguiram. Ando dissecado, despedaçado... estripado. O que restou, eis aqui... minha pessôa, corpo e rosto. Faço uso do que tenho. Deixo-me amar pelos outros, me conformei com meu destino. Pois sei muito bem que, mesmo que não sinta atração nenhuma pelos outros, tenho de deixá-los sentir atração por mim. Deixo que me amem, que toquem o meu corpo, que procurem prazeres desta minha existência problemática. Como já lhe disse, sou incompleto, incapacitado para qualquer sentimento. Agora já sabe tudo sôbre mim. Eu sou o que vê aqui. E assim será sempre, por todos os tempos.

Vovó: Oh, rapaz, rapaz! (grande pausa) Estava enganada, antes. Você não sòmente me parece conhecido. O fato é que conhecí, uma vez, alguém muito parecido com você, ou melhor, muito parecido com o rapaz que você era...

Jovem: Cuidado! Cuidado! O que lhe contei talvez não seja verdade. Na minha profissão...

Vovó: SHHHHH! (o jovem abaixa a cabeça dòcilmente) Falando de um modo mais preciso, parecido com alguém que poderia ter-se tornado naquela pessôa que você teria sido, se não fôsse o que é. — Para finalizar, a não ser que esteja enganada, achou seu emprego.

Jovem: Qual seria o meu serviço?

Vovó: (chamando) U-Huuu!

Barker: (entrando pelo arco) Olá, vovó! Que bom! Finalmente encontro uma alma viva. Imagine, não acho papai, nem mamãe. (encherga o jovem) Oh! Quem é este?

Vovó: Oh! Hm!... bem... êste é o jovem do asilo. É. Isso mesmo. O jovem do asilo.

Barker: Então é verdade. Chamaram mesmo o homem do asilo! Vão levá-la embora.

Vovó: (dando de ombros)O quê você quer que eu faça. É assim mesmo. Foi exatamente o que ficou combinado.

Barker: (ao jovem) Como pode atrever-se a levar esta pobre velha!

Jovem: (lançando um olhar para a vovó, que lhe dá sinal com a cabeça) Cumpro ordens. Sou pago para isso. Não faço perguntas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107,p.80

Barker: (pausa curta) Oh! (pausa) Certamente você tem razão. Não deveria meter-me nisso.

Vovó: (ao jovem) Por favor, quer levar meus pertences para o carro? (indica as caixas)

Jovem: (hesitando de modo imperceptivel) Com prazer.

Vovó: (enquanto o jovem pega metade das caixas e se dirige para a porta) Pessôa amável, o jovem do asilo. Não acha?

Barker: (abana a cabeça, incrédula, olhando atentamente para o jovem que sai) Por incrivel que pareça, algumas coisas mudaram para melhor. Me lembro muito bem quando mandei buscar minha mãe, o homem do asilo não tinha a metade da amabilidade dêste.

Vovó: Então, também mandou levar a sua mãe?

Barker: (alegre) Claro que sim! A senhora não?

Vovó: (confusa) Não. Eu não. Não que me lembre! (continua em tom de pessôa de negócios) Escute aqui, meu bem. Tenho de conversar à sós comsigo!

Barker: Como não! Às ordens.

Vovó: Por favor. Preste atenção.

Barker: Sim, vovó. Sim.

Vovó: Preste muita atenção. Você se encontra, por assim dizer, num certo dilema com mamãe e papai...

Barker: É. Sim. Estou curiosa em saber para onde êles foram.

Vovó: Não se aflija. Êles voltarão. Eu disse: Preste atenção!

Barker: Desculpe.

Vovó: Você se encontra nesse dilema com papai e mamãe, e me parece que achei o caminho pelo qual você poderá sair dêle. (o jovem entra pela porta da frente) Querido, quer ter a bondade de levar o restante? (o jovem recolhe o restante das caixas, saindo de novo pela porta da frente).(À Mrs. Barker) Ótimo. Agora, escute, meu bem! (ela cochicha no ouvido de Mrs. Barker.)

Barker: (suas exclamações e sua expressão mudam de acordo com o que ela vai ouvir) Oh! Oh! O quê? Não acho que poderia... acha realmente que poderia... bem... quem sabe. Ai meu Deus... minha nossa... que idéia maravilhosa... que idéia extraordinária... fenomenal...

Vovó: Também achei.

Barker: Para uma senhora da sua idade! Quase não se pode acreditar!

Vovó: He! He! He!

Barker: Acho a idéia arrebatadora, maravilhosa. Vou imediatamente procurar a mamãe e o papai.

Vovó: Muito bem.

Barker: Então... então... acho que vou despedir-me agora. Não sei como lhe agradecer. (ela se dirige para o arco)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 81

Vovó: Não há de que. Pode dizê-lo agora.

Barker: O quê?

Vovó: Adeus.

Barker: Isso mesmo. Adeus. (ela sai pelo arco; ouve-se ainda chamar) Papaiiiiii!

Vovó: Adeus. (sòzinha agora, ela olha ao seu redor) Ai de mim. (abana com a cabeça) Ai de mim! (dá uma última olhadela no aposento) Adeus. (o jovem volta) Então, estamos prontos?

Jovem: Levei todas as caixas para fora.

Vovó: (um pouco triste) Não sei porque me dou ao trabalho de levá-las. Não tem muita coisa dentro... algumas cartas velhas, alguns remorsos, meu pequinês... cego como é... minha televisão, minha dentadura de domingos, oitenta e seis anos vividos... alguns sons... alguns retratos já amarelados... e... (dando de ombros) você já sabe... as coisas que a gente junta...

Jovem: Quer que lhe consiga um taxi, ou em quê mais posso lhe ser útil?

Vovó: Em nada, meu filho. Muito obrigada. De hoje em diante terei que aprender novamente a ser independente.

Jovem: E eu? Quê devo fazer agora?

Vovó: Você fica aqui, meu bem. Tudo ficará claro para você. Será explicado tudo. Você entenderá.

Jovem: Está bem.

Vovó: (com um último olhar pelo aposento) Então...

Jovem: Eu a acompanharei até o elevador.

Vovó: Muita gentileza, meu rapaz. (os dois saem devagar pela porta da frente. Entra Mrs. Barker, seguida por mamãe e papai)

Barker: ...e tenho muito prazer em lhes comunicar que tudo está resolvido e em ordem.

Mamãe: Graças a Deus! Já estávamos com receio de que surgissem dificuldades, adiantamentos, prazos, ou coisa parecida...

Papai: Sim. Sentimo-nos realmente aliviados.

Parker: Isto faz parte do trabalho das mulheres profissionais.

Mamãe: E a vovó! Onde está a vovó? A vovó não está aqui! Onde está? E, veja só! Nem as caixinhas não estão mais aqui. A vovó se foi e as caixas se foram também. Safou-se, e, vai ver, papai, roubou alguma coisa tambem.

Barker: Ora, mamãe, o jovem do asilo esteve aqui.

Mamãe: (espantada) Quem???

Barker: O jovem do asilo. Do asilo!
(de repente as luzes ficam mais fracas, apagam-se um pouco)

Mamãe: (abana a cabeça) Não. Impossivel!

Barker: Mas se lhe digo que o vi com meu próprios olhos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 82

Mamãe: Não, não. (quase chorando) Impossivel. Não existe nenhum homem do asilo. Nós o inventamos! Vovó! Vovó!

Papai: (aproximando-se de mamãe) Calma, mamãe, quieta! Não fique nervosa!

Mamãe: Oh, papai... onde está a vovó?

Papai: Acalme-se. Calma.

(enquanto o papai tenta consolar a mamãe, a vovó entra em cêna e fica parada perto da ribalta ao lado direito.)

Vovó: (ao público) Shhh! Aí tem coisa e eu quero observar. (Ela faz sinal à Mrs. Barker para dirigir-se até a porta da frente. Mrs. Barker anda nas pontas dos pés, sorrindo misteriosamente. Ela abre, e, na moldura da porta aparece o Jovem. As luzes aumentam novamente enquanto o SONHO AMERICANO entra.)

Barker: Atenção! Atenção! A surpresa do século! Aqui estamos.

Mamãe: O quê? O quê?

Papai: Heim? O quê?

Mamãe: (falando entre soluços) Quê surpresa?

Barker: A surpresa!! A surpresa da qual lhe falei!

Papai: Você... você já sabe, mamãe!

Mamãe: Uma sur- pre- sa?

Papai: (querendo animá-la) Você não se lembra mais, mamãe, por que pedimos a senhora "Qual é a sua graça" para vir aqui?

Barker: Mrs. Barker... Mrs. Barker, por favor.

Papai: Você está lembrada agora, mamãe? Lembra as nossas conversas, discutindo como conseguir satisfação? E, sobre o pequeno fardo?

Mamãe: (de repente tornando-se alegre) Sim, sim. Claro! Como podia esquecer? Como podia esquecer?!

Barker: (ao jovem) Esta é a mamãe.

Jovem: Muito prazer.

Barker: (ao jovem, baixo) O nome dela é mamãe!

Jovem: Como, como vai, mamãe?

Mamãe: Olá! Muito bem!

Barker: (ao jovem) E êste é o papai.

Jovem: Muita satisfação.

Papai: Igualmente.

Mamãe: (restabeleceu-se e gira à volta do jovem, apalpando seus braços, dando-lhe alguns empurrões íntimos nas costas) Isto sim! Sim senhor!!! Este sim, é muito melhor, muitissimo! Papai, venha ver! Venha ver se realmente isto não é uma coisa muito melhor!

Papai: Eu estou vendo tudo isto daqui, mamãe. Isto realmente é uma coisa muito melhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 83

Mamãe: Isto sim! Sim senhor!! Mrs. Barker, não sei como lhe agradecer!

Barker: Não precisa preocupar-se com isso. Eu lhe enviarei a conta pelo correio.

Mamãe: Isso é realmente um grande motivo para uma celebração. Isso merece um drinque!!

Barker: Oh, que idéia maravilhosa!!

Mamãe: Temos uma garrafa de "Sauterne" na cozinha.

Jovem: Vou buscá-la.

Mamãe: Você vai mesmo? Que bom! A cozinha fica aí atrás do arco! (enquanto o jovem sai, ela fala à Mrs. Barker) Êle é encantador. Realmente uma especialidade. Muito melhor do que o outro.

Barker: Eu estou feliz por vê-la tão satisfeita. E também felicíssima por tudo ter terminado de uma maneira tão bôa.

Mamãe: Pelo menos sabemos agora o motivo pelo qual a chamamos. E tambem estamos felizes porque tudo se esclareceu. Por falar nisso, como é mesmo o nome dêle?

Barker: Oh! Chame-o pelo nome que desejar. Êle pertende a vocês. Chame-lhe pelo mesmo nome como chamavam o outro!

Mamãe: Papai, como chamávamos o outro?

Papai: (confuso) O outro?!?!

Jovem: (volta com uma bandeja onde está a garrafa de "Sauterne" e cinco taças) Aqui está.

Mamãe: Viva! Viva!

Barker: Muito bem!

Mamãe: (aproximando-se da bandeja) Então vamos.., Cinco taças? Por quê cinco? Somos sòmente quatro! Por quê cinco?

Jovem: (percebendo o olhar da vovó que indica não desejar ser vista) Desculpe!

Mamãe: Você precisa aprender a contar. Somos uma família fina, e você precisa aprender a contar muito bem.

Jovem: Aprenderei.

Mamãe: Bem! Cada um pégue a sua taça! (pegam) Vamos beber para celebrar. PARA A SATISFAÇÃO! Quem foi que disse não ser mais possivel hoje em dia conseguir a satisfação!!

Barker: Que "Sauterne" Horrivel!

Mamãe: Sim, isso mesmo! (ao jovem)(sua voz adocicou-se, tornando-se um pouco pastosa devido ao vinho) Você nem pode imaginar como eu me sinto feliz só por olhar para você. Sim senhor, se você soubesse o que nós passamos com... com o outro? Eu lhe contarei em outra ocasião. (indicanco a senhora Barker) Depois que ela fôr embora. Ela é a grande responsável por toda essa enorme confusão. Eu lhe explicarei tudo mais tar-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0107, p.84

Mamãe: (Cont.) de. (ela chega-se bem junto a êle). Quem sabe, quem sabe, mais tarde, esta noite.

Jovem: (afastando-se um pouco dela) Sim, isto seria muito bom!

Mamãe: (confusa) Alguma coisa em você me é familiar, sabe! Eu não sei bem...

Vovó: (interrompendo, à platéia) Bem, acredito que isto a tudo envolveu. Afinal seja para a vida ou seja para a morte, tudo não passou de uma comédia; parece-me bastante razoável ir parando por aqui.
Bastante razoável mesmo.
Deixemos pois, que fiquem as coisas
nos lugares onde por certo ficarão...
aproveitemo-nos enquanto todo mundo
sente-se assim tão feliz...
enquanto todo mundo possue aquilo
que sonhou...
ou quem sabe,
enquanto tudo mundo imagina
ter sonhado aquilo que agora tem.
Bôa noite! Bons sonhos!

F I M

jcmgb/aequipe

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p-85

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

PARECER DE CENSURA

NOME : O SONHO AMERICANO

PEÇA TEATRAL DE AUTORIA DE : EDWARD ALBEE

TRADUÇÃO DE : ELIZABETH KANDER.

A PEÇA VERSA TRATA COM SABOR HUMORISTICO DE COSTUMES DE UMA FAMILIA, CONSTITUIDA POR UM CASAL DE MAIS DE CINQUENTA ANOS E UMA VOVÓ QUE RESIDIA COM ELES, REFEETINDO A SUA EPOCA E SEUS PROBLEMAS INTIMOS.

NADA CONSTA QUE POSSA CAUSAR PROBLEMAS DE ORDEM MORAL, SOCIAL OU POLITICO. NO ENTANTO DE ACORDO COM AS NORMAS VIGENTES , SUGIRO O CORTE NA PALAVRA " PUTINHA " CONSTANTE DO TEXTO NA PAGINA 8 DO SCRIPT MUITO EMBORA NÃO A CONSIDERE NA SITUAÇÃO COMO É DITA DE PERNICIOSA,

LIBERE-SE COM A IMPROPRIEDADE DE (PROIOBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS) COM O REFERIDO CORTE.

RESSALVO NA OPORTUNIDADE QUE POR NÃO TER SIDO ENCAMINHADO AO SCDP O ROTEIRO DAS MARCAÇÕES DE CENA BEM COMO O VESTUARIO DOS PARTOCIPANTES, FICA A PRESENTE LIBERAÇÃO SUGEITA A MODIFICAÇÕES DE ACORDO COM O QUE FOR VISTO PELA TURMA DE CENSURA NO LOCAL DA EXIBIÇÃO .

BRASILIA, 3 DE JANEIRO DE 1968

JOSE AUGUSTO COSTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 86

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

N.º DE REGISTRO 10/68

TÍTULO ORIGINAL ////// da PEÇA: - " O SONHO AMERICANO "

PRODUTOR ////// AUTOR : - EDWARD ALBEE - TARDUÇÃO DE: ELISABETH KANDER

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

PROIBIDO
ATÉ
— 16 ANOS —

Válido até 5 de JANEIRO de 19 69

Brasília, 5 de JANEIRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P.

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado de Censura Cinematográfica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 87

CERTIFICADO N.º

Certifico que, revendo os livros de registro de filmes cinematográficos, encontrei sob o n.º 010, livro 001, o registro do ~~filme~~ peça denominado " O SONHO AMERICANO "

~~[illegible]~~

~~[illegible]~~

~~[illegible]~~ AUTOR: EDWARD ALBEE

com ..... metros e ..... cópias, censurado em 04 de JANEIRO de 1968.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido ~~filme~~ peça, de acôrdo com o § 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, modificado pelo Decreto 37.008, de 8/3/55, fôsse de acôrdo com o Item 7º, parágrafo 1º, da Portaria nº 11/67, fosse liberada a sua representação com a impropriedade para menores até desesseis (16) anos, com a seguinte CORTE:

(na palavra "PUTINHA ")

Brasília, 04 de JANEIRO de 1968

~~[illegible]~~

Chefe da T.C.T.C.

Departamento de Imprensa Nacional — 21.936

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0107, p. 88/88

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL

Cópia para Controle de Serviço

P-194

GEN. SILVIO CORREA DE ANDRADE
DELEGADO REGIONAL DO DPF/SP
RUA PIAUÍ 527 - SÃO PAULO

4 5 1 68

REFERÊNCIA RÁDIO 6/GAB/68 INFORMO QUE CERTIFICADO ET SCRIPT PEÇA TEATRAL " SONHO AMERICANO " SEGUIU HOJE VIA MALOTE PT SDS

JUVÊNCIO REIS
Diretor PBS.

Juvencio Reis.